



Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde

Dissertação de Mestrado

HELENA ABDALLA AFONSO

**TEORIA DA SUBJETIVIDADE: UM CAMINHO PARA A
COMPREENSÃO DA CONJUGALIDADE E DE SEUS
PROCESSOS INDIVIDUAIS E SOCIAIS EXPRESSADOS NA
PSICOTERAPIA**

Brasília - DF

2020

HELENA ABDALLA AFONSO

**TEORIA DA SUBJETIVIDADE: UM CAMINHO PARA A
COMPREENSÃO DA CONJUGALIDADE E DE SEUS
PROCESSOS INDIVIDUAIS E SOCIAIS EXPRESSADOS NA
PSICOTERAPIA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como exame de qualificação do Mestrado.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Deusdará Mori

Brasília – DF

2020

HELENA ABDALLA AFONSO

**TEORIA DA SUBJETIVIDADE: UM CAMINHO PARA A
COMPREENSÃO DA CONJUGALIDADE E DE SEUS PROCESSOS
INDIVIDUAIS E SOCIAIS EXPRESSADOS NA PSICOTERAPIA**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como exame de qualificação do Mestrado.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Deusdará Mori

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Valéria Deusdará Mori - Orientadora - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Prof. Dra. Luciana de Oliveira Campolina - Membro Interno - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres - Membro Externo - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás.

Prof. Dra. Ciomara Schneider – Suplente - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília - DF, Dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me sustentar com seu amor incondicional, me trazendo a memória palavras de vida, esperança e paz.

Ao meu pai e irmão, Adalberto e Renato, pelo tamanho incentivo e aporte financeiro durante toda a trajetória deste mestrado. O amor de vocês me mobilizou a prosseguir com determinação e empenho, vocês são torrentes de força e generosidade.

À minha querida mãe, amiga e pedagoga, Cacilda, por suportar diariamente minhas aflições, angústias e incoerências evidenciadas nesse percurso, de quase quatro anos. Obrigada por todo amparo emocional, compreensão e, especialmente, pela contribuição fundamental em revisar cada parágrafo de minha tese, você é brilhante.

À minha amada filha, Ana Clara, por me fazer enxergar a complexidade da maternidade, num processo correspondente de troca, paciência e muito aprendizado. Obrigada por me apoiar com todo amor, suportando minha ausência e a multiplicidade de emoções evocadas em diversos momentos do presente trabalho. Você é especial.

Ao meu estimado irmão, Fábio, pelo elementar fato de tê-lo em minha vida. Obrigada pelo convívio e amor expressados de forma singular e não convencional.

À minha querida e admirada orientadora, Valéria Deusdará Mori, que com seu conhecimento pela psicologia, seu engajamento na prática da psicoterapia e amor pela Teoria da Subjetividade me possibilitou percorrer essa estrada cheia de muito estudo, paixão, desafios e contradições. Obrigada pela confiança em me introduzir em vivências de grupos acadêmicos e participação em congressos e, mesmo sem saber, me tensionar a ser sujeito de minha própria vida.

Ao eterno e extraordinário, Fernando González Rey, autor e criador da Teoria da Subjetividade, que tive o privilégio de conhecer desde os tempos da graduação, em que me orientou na monografia, até reencontrá-lo no mestrado e, novamente, ter tido a grata experiência em aprender com suas palavras consistentes e seu coração humilde.

Às professoras, Vannúzia Leal Peres, Luciana Campolina e Ciomara Schneider por concordarem em contribuir de forma significativa para a construção deste trabalho, sugerindo valiosas mudanças e importantes reflexões no momento da qualificação.

A grande amiga de vida, psicoterapia e mestrado, Camila Montu, por me incentivar com suas palavras sábias a concluir essa etapa tão importante para nós. Compartilhar meus

sentimentos, marcados por inúmeras contradições, foi de fundamental importância para meu desenvolvimento como pessoa e profissional.

Por fim, um importante agradecimento ao casal, Maria e João (nomes fictícios), que permitiu o desenvolvimento e construção da pesquisa. Obrigada pela oportunidade e confiança de vocês, que possibilitaram o aprofundamento da Teoria da Subjetividade.

Resumo

A Psicologia como ciência compreendeu a subjetividade, essencialmente e simultaneamente, como um processo individual que determina todos os outros processos e também meramente social, sendo o homem determinado por ela. A subjetividade é produzida historicamente e não como resultado direto dos processos que vivemos nos espaços que compartilhamos. O objetivo principal deste trabalho é explicar a psicoterapia de casal como um cenário favorecedor para compreensão dos processos subjetivos individuais e sociais, implicados na conjugalidade. Compreendendo a subjetividade como um processo simbólico e emocional que se configura no decurso das experiências dos indivíduos e se organiza histórico-culturalmente no curso da vida, envolvidos em redes dialógicas onde se formam novos espaços de subjetivação. O diálogo presente na psicoterapia não é uma força ou uma estrutura independente e sim um espaço capaz de gerar sentidos subjetivos novos, que podem mobilizar os indivíduos à abertura de outros caminhos e possibilidades de vida. Esses aspectos evidenciam-se de acordo com a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórica e cultural desenvolvida por González Rey e a Epistemologia Qualitativa, na qual se apoia a pesquisa construtivo-interpretativa orientando os processos metodológicos desta pesquisa. A psicoterapia como campo de pesquisa representa um momento empírico, onde o outro vivencia por meio do diálogo, um processo contínuo e permanente que faz aprofundar ainda mais a pesquisa. Em todo momento a psicoterapia nos permite e nos obriga a acompanhar a singularidade do caso por completo, construindo hipóteses que darão origem ao modelo teórico. Realizada em um consultório particular com o casal Maria e João, nomes fictícios, na idade de trinta e quatro e trinta e sete anos, respectivamente, cujas ferramentas utilizadas são o diálogo, complemento de frases e outras dinâmicas. Com base na análise das informações, percebemos que os processos de desenvolvimento subjetivo apresentados na relação conjugal, se organizam em configurações subjetivas complexas e contraditórias. Os sentidos subjetivos decorrentes do sistema individual e social, referentes às histórias de vida singulares e às características da subjetividade social brasileira perpassam, de forma mútua, pela unicidade de cada pessoa e são expressados pelo caráter dialógico do espaço psicoterapêutico. Assim, a Teoria da Subjetividade pretende alcançar outros níveis de compreensão, atrelados aos diferentes espaços sociais das pessoas inseridas na relação, gerando visibilidade a processos múltiplos e diversos da conjugalidade. Movimentos reflexivos e conversacionais possibilitam diferentes perspectivas que podem resultar em um reposicionamento dos indivíduos no casamento.

Palavras-chave: subjetividade; psicoterapia; dialogicidade; conjugalidade.

Abstract

Psychology as a science interpreted subjectivity, essentially and simultaneously, as an individual process that determines all other processes and also as a merely social process, which determines the human being. Subjectivity is produced historically and not as a direct result of processes we live in the spaces we share. The main objective of this work is to understand the relationship between the individual and social subjective processes related to the conjugality expressed during a couple psychotherapy. To understand subjectivity as a symbolic and emotional process that is configured in the course of experiences and that is historically and culturally organized in the course of life, involved in dialogical networks where new spaces of subjectification are formed. The dialogue in psychotherapy is not an independent force or structure, but a space capable of generating new subjective senses, which can mobilize individuals to open up themselves to other paths and possibilities of life. These aspects are evidenced according to the Theory of Subjectivity in a cultural and historical perspective developed by González Rey and Qualitative Epistemology, which supports constructive-interpretive research guiding the methodological processes of this research. Psychotherapy as a research field represents an empirical moment, where one experiences through dialogue, a continuous and permanent process that further deepens the research. At all times, psychotherapy allows us and obliges us to follow the singularity of each case completely, framing hypotheses that will give rise to the theoretical model. Held in a private practice with the couple Maria and João, fictitious names, at the age of thirty-four and thirty-seven years, respectively, using dialogue, sentence completion and other dynamics. Based on the analysis of the information, we realize that the subjective development processes presented in the marital relationship are organized in complex and contradictory subjective configurations. The subjective senses arising from the individual and social system, referring to the unique life stories and the characteristics of Brazilian social subjectivity, cross, mutually, the uniqueness of each person and are expressed by the dialogic character of the psychotherapeutic space. Thus, the Theory of Subjectivity aims to reach other levels of understanding, linked to the different social spaces of people inserted in the relationship, generating visibility to multiple and diverse processes of conjugality. Reflective and communicative movements allow for different perspectives that can result in a repositioning of individuals in marriage.

Keywords: subjectivity; psychotherapy; dialogism; conjugality.

SUMÁRIO

1 Considerações Iniciais	09
1.1 Objetivos da pesquisa	13
1.1.1 Objetivo geral	13
1.1.2 Objetivos específicos	13
2 Capítulo Teórico.....	14
2.1 A concepção da psicoterapia pela Teoria da Subjetividade	14
2.1.1 <i>A Psicologia como Ciência: um breve histórico</i>	14
2.1.2 <i>Psicoterapia e Subjetividade: avançando nos conceitos dessa proposta</i>	16
2.1.3 <i>A prática do psicoterapeuta: seus progressos e novos caminhos</i>	22
2.2 Os Processos da subjetividade social e individual presentes na conjugalidade	24
2.3 Subjetividade e modo de vida	33
3 Metodologia	37
3.1 Epistemologia Qualitativa e seus pressupostos.....	37
3.2 Local da pesquisa	40
3.3 Construção do cenário de pesquisa	41
3.4 Participantes	42
3.5 Instrumentos	42
3.5.1 <i>Sistemas conversacionais</i>	43
3.5.2 <i>Complemento de frases</i>	44
3.5.3 <i>O que te faz feliz e infeliz no casamento</i>	44
3.5.4 <i>Eu desejo</i>	44
3.5.5 <i>Dinâmica com almofadas</i>	45
4 Análise e construção da informação	46
4.1 Caso Maria e João	47
4.1.1 <i>Características gerais de Maria</i>	47
4.1.2 <i>Características gerais de João</i>	50
4.1.3 <i>Maria e João: analisando e construindo informações</i>	52
5 Considerações finais	73
Referências	75

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A organização da história da vida conjugal e familiar brasileira, só pode ser compreendida levando-se em conta a diversidade étnica e cultural do país e os paradoxos que incluem tal diversidade, nos projetos políticos e sociais. Como bem afirmam González Rey e Mitjans Martínez (2017) o posicionamento de cada membro não tem um valor em si dentro da família, pois depende de seu lugar nas configurações subjetivas sociais que caracterizam os diferentes processos e sistemas de relação da mesma.

A consolidação do capitalismo no país, por exemplo, ocorrida no século XIX, promoveu o surgimento da nova família, baseada numa mentalidade essencialmente burguesa. Essa organização afetada pelos processos econômicos da sociedade, implicou em novos elementos na vida familiar como uma maneira diferente de pensar a conjugalidade e o amor (Ferry, 2010).

Como psicoterapeuta de família, casal e individual adulto há treze anos, graduada no curso de Psicologia em 2007, no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e pós-graduada em Psicoterapia de Família e Casais, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, noto, por meio de relatos dos próprios indivíduos em psicoterapia, que no atual momento histórico-cultural uma quantidade expressiva de relacionamentos conjugais têm se configurado de forma efêmera e enquanto houver uma falsa percepção de controle. Bauman (2004) denomina esta era como modernidade líquida, ou seja, pessoas e sentimentos sendo descartados rapidamente em prol de uma sensação de segurança que minimize qualquer possibilidade de frustração. Isto é, eu rompo com o outro quando esse já não satisfaz mais meus prazeres ou quando as diferenças implicam em conversas mais profundas, exigindo reflexões, enfrentamento, mudanças de atitudes e, conseqüentemente, formação de vínculo, trazendo a ideia de relacionamento como processo difícil e complicado, segundo valores de uma cultura romantizada.

A sociedade contemporânea tem enfrentado uma contradição: a superficialidade das relações conjugais que leva ao conflitante desejo de tornar a relação mais profunda e intensa e, ao mesmo tempo, deixá-la solta. No atual contexto cultural ela se torna durável enquanto houver satisfação suficiente. Elementos significativos que possibilitam sustentar uma relação a longo prazo, como a qualidade de um diálogo que favoreça discussões e reflexões importantes para a manutenção da relação, têm sido percebidos como algo desgastante e

desnecessário, tendo em vista a facilidade do rompimento e a busca incessante pelo prazer como bem maior.

Não podemos deixar de pensar sobre os modelos de casamento no Brasil, desde a colonização até os dias atuais. Esses modelos têm raízes profundas em alguns aspectos como, por exemplo, o patriarcalismo que implica em relações estruturadas e caracterizadas pela autoridade imposta do homem sobre a mulher e filhos, relacionamentos ainda marcados pela dominação e controle, que se traduzem na ausência de comunicação, negociação e interesses em comum. Em contrapartida, devido aos atuais valores individualistas que sugerem relacionamentos com mais liberdade e felicidade, enfatiza-se de forma imperativa a autonomia, independência e satisfação de cada cônjuge em primeiro plano, fazendo com que outro paradoxo se evidencie. Não há casamento se não houver a criação de uma zona comum de interação, de troca, de uma identidade conjugal (Féres-Carneiro & Ziviani, 2010).

É notória que a constituição do casamento contemporâneo, cujo modelo não se universalizou, vem sofrendo várias transformações, sendo importante considerarmos tais mudanças atreladas ao processo histórico, cultural e individual que se constitui mutuamente nos indivíduos e suas relações. A qualidade relacional da conjugalidade dependerá do seu sistema de comunicação, do grau de intimidade gerado entre eles, da capacidade de reflexão crítica e compreensão de seus próprios processos individuais e sociais, que se desdobram em relacionamentos com organizações subjetivas singulares.

As experiências presentes na conjugalidade são vividas como produções subjetivas, pelas organizações que emergem no decurso das histórias de cada cônjuge e das famílias como instituição. Cada casal pode apresentar um estilo, um formato, um cenário emocional e um sistema de comunicação único que não deve ser visto de forma universal mas, sim, a partir de movimentos histórico-culturais.

Nos últimos quatro anos de minha prática como psicoterapeuta, a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, apoiada na Epistemologia Qualitativa, ambas desenvolvidas por González Rey (2005, 2011, 2017), que fundamentam a presente pesquisa, têm inspirado e norteado minha atuação profissional, permitindo originalidade e criatividade teórica a respeito do que, de alguma maneira, já vivia. O objetivo dessa pesquisa é explicar a psicoterapia de casal como um cenário favorecedor para a compreensão dos processos subjetivos individuais e sociais, implicados na conjugalidade. Ela pauta-se como um processo de caráter construtivo-interpretativo e dialógico em sua prática, organizando-se como um movimento infindável de pesquisa.

Na Teoria da Subjetividade a psicoterapia não é um trabalho individualizado, ela caracteriza-se como um movimento dialógico orientado para a mobilização de diferentes processos subjetivos, individuais e sociais. Um desafio para os psicoterapeutas de casais e famílias pois, envolve uma multiplicidade de elementos que requer a compreensão não somente da estrutura familiar e seus processos interacionais relevantes, como também a compreensão de outros processos da sociedade tensionados a partir do diálogo e evidenciados de forma indireta na narrativa dos indivíduos. Como expressa Mori (2019, p.9) “os fenômenos da psicoterapia têm importância para a visualização dos processos subjetivos tanto individuais como sociais possibilitando seu estudo com base nos processos de comunicação do qual participam diferentes pessoas em processos singulares de subjetivação”.

No que se refere ao estudo das teorias tradicionais de casal e família, a ênfase é dada aos processos históricos de cada indivíduo, de como ele encontra-se na trama do casamento e como constrói o processo da vida conjugal, a partir do modo como traz para esse espaço social demandas e necessidades relacionadas ao seu contexto interacional. Haley (1979, 1998), um importante e criativo teórico da psicoterapia de casais tradicional, fundador da Terapia Estratégica, observava que os problemas surgiam quando havia uma distribuição particular do poder dentro do sistema da família. Destacava confusões ou desequilíbrio na hierarquia que perturbavam a adaptação ao ciclo da vida familiar. Isto é, parte do funcionamento do processo psicoterapêutico é a identificação de problemas solúveis, planejamento de intervenções, definição de metas e a análise de hierarquias estabelecidas, regras, status e papéis de poder, dentro da própria cultura familiar.

Em vista disso, o desafio da psicoterapia de casal na perspectiva da Teoria da Subjetividade é compreender a complexidade de outros importantes elementos da subjetividade que estão envolvidos na relação conjugal. Entender como duas configurações subjetivas individuais, atreladas a outros espaços sociais se organizam e constituem a configuração subjetiva do casal. Fazer isso a partir da perspectiva do diálogo, da conversação é algo que demanda do psicoterapeuta o estudo da Teoria da Subjetividade e seus conceitos. É desafiador pensar, em cada sessão, sobre quais sentidos subjetivos são mobilizados no decurso de suas histórias e como eles se organizam, originando a configuração subjetiva da conjugalidade, daquilo que compartilham em comum, as discordâncias, conflitos e os recursos subjetivos que desenvolvem ao longo da relação.

Evidenciaremos, no estudo da subjetividade, que o profissional não deve se ater apenas aos fenômenos cotidianos que o casal revela, sua vida concreta, queixas e comportamentos inadequados e sim, refletir criticamente sobre os processos complexos que

perpassam a conjugalidade. Quando o casal não compreende e não dialoga sobre outros aspectos importantes da vida, atrelados ao casamento, como elementos históricos e culturais, eles tendem a ficar na bidirecionalidade, ou seja, visualizando a relação por apenas duas direções: a história do marido e a história da mulher. Organizando-se num processo de vitimização, rivalidade e ou competitividade, que constituem a forma como eles subjetivam um ao outro e à própria relação. Sair da lógica do certo ou do errado, de um ser culpado e o outro vítima demanda uma complexidade reflexiva, intrinsecamente relacionada às construções sociais e seus discursos.

A pesquisa aqui proposta busca contribuir para o campo da Psicologia, bem como para a prática da psicoterapia de casal, pela perspectiva da Teoria da Subjetividade. Pois, se insere no esforço para construir um modelo teórico que vise a uma nova compreensão dos processos da vida conjugal, proporcionando caminhos alternativos para a prática do psicoterapeuta e para os próprios indivíduos da relação.

O capítulo teórico do trabalho foi dividido em três partes. Na primeira, apresentaremos a concepção da psicoterapia pela Teoria da Subjetividade, compreendendo de forma breve as contradições do nascimento da Psicologia como ciência e discutindo os desdobramentos disso para a psicoterapia, como uma importante prática que a fundamenta. Evidenciaremos os conceitos da Teoria da Subjetividade e discutiremos, num caráter dialógico com outra teoria, sobre os progressos e novos caminhos que a subjetividade possibilitará para a prática da psicoterapia de casal.

Na segunda parte, discorreremos sobre os processos da subjetividade social e individual presentes na conjugalidade que trazem para o âmbito familiar produções da subjetividade social, que configuradas nos indivíduos levam a uma inquietude contínua entre eles dentro da dinâmica relacional e cotidiana. E, por fim, na terceira parte do capítulo teórico, falaremos sobre subjetividade e modo de vida que considera o sistema subjetivo das pessoas presentes em seus comportamentos, “o que define uma dimensão simbólico-emocional no comportamento muito mais complexa do que as aparências indicam” (González Rey, 2011, p.40).

A parte metodológica do trabalho é estruturada da seguinte forma: descreveremos os pressupostos da Epistemologia Qualitativa, que compreende a pesquisa como um processo singular e de comunicação dialógica; a metodologia construtivo-interpretativa, (González Rey, 2007, 2011, 2017) com sua implicação para os processos de construção do conhecimento e para o entendimento do próprio curso da pesquisa; apresentando, também, o

local de pesquisa e a construção de seu cenário, a descrição dos participantes e dos instrumentos utilizados.

No desfecho, faremos a análise e construção da informação sobre o caso estudado, Maria e João, compreendendo o momento empírico como teórico e dialógico. Não se limitando ao procedimento ou instrumento e sim à abertura que eles possibilitam para reflexões e expressões subjetivamente configuradas por diferentes experiências de vida. O que favorece a emergência da subjetividade dos indivíduos envolvidos na pesquisa e do próprio pesquisador, essencial para a sua produção teórica.

1.1 Objetivos da Pesquisa

1.1.1 Objetivo Geral

Explicar a psicoterapia de casal como um cenário favorecedor para a compreensão dos processos subjetivos individuais e sociais, implicados na conjugalidade.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Compreender diferentes configurações subjetivas que se expressam na conjugalidade;
- b) Discutir e explorar como a relação conjugal mobiliza processos subjetivos múltiplos relacionados a aspectos da subjetividade social.

2 CAPÍTULO TEÓRICO

2.1 A concepção da psicoterapia pela Teoria da Subjetividade

2.1.1 A Psicologia como Ciência: um breve histórico

Na psicologia, historicamente, a ideia de subjetividade foi compreendida como eminentemente um processo individual, determinando todos os outros processos. Ao longo deste trabalho definirei subjetividade pela proposta de González Rey (2005, 2011, 2017). A categoria subjetividade é definida como uma produção que se organiza historicamente e não como resultado direto dos processos que vivemos, nos espaços que compartilhamos.

Na busca por mudanças, a prática da psicoterapia vem sofrendo consequências e impactos decorrentes de uma concepção centrada somente na trama e história singular do indivíduo e suas relações de causalidade. Não envolvendo e abrangendo a complexidade e as contradições dos processos da subjetividade em seus múltiplos contextos atuais. Vejamos o que Neubern diz:

“Assim, enquanto ganhou popularidade e importantes espaços sociais, com uma eficácia capaz de aliviar o sofrimento das pessoas e auxiliá-las a produzir novos sentidos para vida, ela também reproduziu as estruturas de poder comuns das práticas modernas, muitas vezes impondo suas perspectivas às narrativas próprias dos sujeitos e isolando-os de suas inserções sociais, o que implicou em sofrimento para muitos daqueles que a buscaram como forma de ajuda”. (Neubern, 2012, p.16-17)

Como psicóloga, entendo a psicoterapia como um espaço de caráter dialógico e interativo que possibilita compreender os processos de saúde. Destacando o social como algo que se encontra em constante relação com a pessoa que o constitui e é constituída por ele, num processo ininterrupto.

Esse espaço esteve por muito tempo vinculado à técnicas científicas resultantes do pensamento moderno ocidental, no sentido de tornar-se ciência adotando um movimento de padronização e quantificação como sendo o único critério confiável para diferentes análises

do humano. Contexto que dificulta aos psicoterapeutas o mergulho em reflexões sobre uma visão mais ampla e multifacetada do desenvolvimento humano, que abrange aspectos histórico-culturais relevantes para a compreensão do indivíduo e a maneira como se organiza nos diferentes âmbitos sociais que participa.

Faremos um breve resgate da Psicologia, como ciência, para contextualizar uma visão epistemológica e como isso se articula notoriamente à prática da psicoterapia. Evidenciamos a Psicologia como uma ciência que nasce contraditória, tendo em vista o humano como objeto de estudo, tornando-se improvável nos pressupostos das ciências naturais. Como expresso por Neubern (2001) um dos principais objetivos da Psicologia era de se firmar enquanto conhecimento científico, o que acarretou de diversas maneiras o surgimento da maior parte de suas escolas. A busca por transpor o distanciamento criado pelo paradigma dominante fez com que nascesse em meio a um considerável conflito, como boa parte das ciências sociais.

As teorias decorrentes da Psicologia possuem raízes nos modelos das ciências naturais, carregando consigo algumas influências como a ilusão de um conhecimento absoluto e neutro da realidade, onde seus pressupostos estão ligados ao conhecimento pela observação e utilização de técnicas. Teorias que trazem como objeto de estudo o ser humano, que encontra-se inserido numa cultura, a mesma cultura daquele que o estuda.

Sabemos que todo observador está imerso no curso da história, percorrendo uma estrada carregada de memórias, notícias e relatos, ninguém encontra-se fora disso. Vemos o indivíduo estudando a si mesmo, ou seja, o indivíduo como ser cultural que estuda a sua própria cultura, com a intenção de ser isento de seu próprio contexto social. Nenhuma das teorias estão livres dessas incoerências.

Tais concepções indicam um desinteresse pelo estudo mais aprofundado das questões histórico-culturais e reflexões teóricas importantes. Anunciam a supervalorização de uma provável garantia e validade de práticas tecnicistas, que buscam resultados imediatos e respostas universais. O que parece interessar é que o método funcione, ao invés de compreender que a procura incessante por soluções e desfechos retira dos indivíduos a possibilidade de pensarem de modo mais amplo, sobre um processo complexo de vida.

Como bem expresso (González Rey & Mitjans Martínez 2017, p.10):

“O desconhecimento dos psicólogos sobre os avanços e críticas feitos no interior da psicologia ao positivismo e ao uso puramente instrumental da quantificação revela a orientação atórica que domina a disciplina até os dias de hoje e da qual deriva uma profunda subestimação das questões históricas, culturais e filosóficas, mesmo daquelas que são inseparáveis do próprio desenvolvimento da área.”

A fundação dessa nova ciência que baseava-se em técnicas e descobertas advindas de uma ciência predominantemente pragmática, talvez tenha sido um marco político pela ambição de um reconhecimento social que lhe permitisse ocupar espaços importantes na sociedade, como os serviços públicos de saúde, justiça, universidades, mídia etc. Ela é impregnada de aspectos históricos, sociais, filosóficos e políticos. Muitas ciências, desde a Física até a Fisiologia, estudavam sobre diversos aspectos que também faziam parte da Psicologia, evidenciando que seus temas estavam disseminados entre reflexões filosóficas, por exemplo, que foram ignoradas mas, que nos fazem enxergar a importância do passado dessa curta história da Psicologia como ciência natural (González Rey, 2013).

A Psicologia esteve relacionada à técnicas, tornando-se desamparada de um modelo teórico que sustentasse e fundamentasse suas pesquisas em métodos científicos, que utilizam diferentes estatísticas para quantificar informações sobre determinados estudos. O modelo positivista, objetivo e instrumental, que ainda influencia e orienta a Psicologia, confronta a pesquisa empírica ao processo teórico, levando a uma divisão entre o empírico e o teórico ainda bastante presente no cenário da produção de conhecimento psicológico. “Essa psicologia descritiva instrumental orientada aos elementos perdia a capacidade de gerar inteligibilidade de uma ontologia viva, eliminando a possibilidade de conhecer os processos vivos que fazem parte dos sistemas de organização atual da subjetividade”. (González Rey, 2011, p.110)

Neubern (2001) traz a ideia de que talvez a Psicologia tenha sido uma das ciências que experimentou a maior consequência de descaracterização diante de um modelo dominante, uma vez que pretendia examinar e explorar o psiquismo do próprio criador dessa ciência. O indivíduo que era capaz de controlar e prever ações, de modo algum poderia ser tomado inteiramente como objeto de estudo, pois seus processos subjetivos são ineficazes e não adequados para as condições confiáveis de uma pesquisa.

Importante ressaltar a diferença entre a Psicologia como ciência e a psicoterapia como uma prática que a fundamenta. “Portanto, o campo da psicoterapia expressa as diferentes contradições da própria conformação da psicologia como ciência” (Mori, 2020, p.200). Por conseguinte, refletir sobre a formação dos psicoterapeutas, profissionais da área de Psicologia, requer uma revolução na maneira de pensar, assumindo uma posição distinta à cultura da instrumentalização e sobre o que de fato as técnicas e ferramentas representam teoricamente.

2.1.2 Psicoterapia e subjetividade: avançando nos conceitos dessa proposta

Como pesquisadora desse campo me posiciono a partir de uma outra visão, fazendo considerações importantes sobre o avanço de muitos elementos no trabalho da psicoterapia de casal, na perspectiva e compreensão que a Teoria da Subjetividade me proporciona, por meio da prática dialógica. Estudo e antevijo ações a partir do lugar em que eu ocupo no mundo e me implico no contexto do outro para trazer à luz processos diversos e múltiplos.

A psicoterapia deve ser um espaço que está para além de técnicas e que seja facilitador do desenvolvimento subjetivo do outro, ou seja, abrir caminhos de reflexão crítica sobre os processos humanos em seus contextos histórico-culturais. A ideia de subjetividade implica em romper com a padronização, formas de psicoterapia e interpretações dentro de uma lógica de causalidade, aspirando ampliar a visão do psicoterapeuta sobre expressões importantes dos indivíduos e a compreensão sobre como eles se constituem subjetivamente.

A subjetividade é a configuração dos processos emocionais e simbólicos, como uma unidade, parte fundamental dos processos humanos que se transpõem à fala e outras formas de manifestação, não sendo possível reconhecer somente na narrativa do indivíduo, ou seja, não sendo previsível quanto às suas formas de expressão singular. De acordo com González Rey, (2005, 2017), a subjetividade não representa um suprassistema acima das ações humanas e dos contextos em que elas acontecem e, também, não representa um sistema fechado. Ela é um sistema configuracional que se organiza através de configurações subjetivas em diversos momentos da experiência humana.

É um sistema dinâmico e complexo, que supera com toda lógica de linearidade presente nas concepções racionalistas e deterministas da compreensão dos processos humanos. Ao reconhecer que a subjetividade é uma produção humana, as emoções passam a ter um lugar diferenciado nisso, não mais como algo trivial ou como epifenômenos de outros processos. Entendemos a existência do indivíduo e o admitimos como alguém criador e gerador de processos emocionais e não apenas como uma pessoa subordinada a algo.

Se organiza em unidades simbólico-emocionais, chamadas de sentidos subjetivos, que nunca aparecem diretamente significados pelas palavras. São unidades que estabelecem a articulação entre pensamentos, emoções e ações, ou seja, acompanham o caráter dinâmico e vivo das experiências humanas.

González Rey e Mitjans Martínez (2017, p.63) apresentam sobre esse conceito:

“Os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esse novo tipo de processo emerge na vida social culturalmente organizada,

permitindo a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da produção subjetiva atual”.

Os sentidos subjetivos são constituídos no decurso da história do indivíduo, sendo mobilizados na relação do histórico com o atual. Emergem no viver a vida e não se expressam da mesma forma no momento presente. Apesar de expressar sentimentos semelhantes às experiências do passado é difícil reconhecê-los, pois nossas necessidades mudam ao longo do tempo. Assim, os sentidos subjetivos se organizam de uma maneira que não facilitam novos comportamentos ou novas formas de relação.

Eles são emocionais e simbólicos, por isso, quando os repetimos eles reproduzem simbolicamente outros processos e dessa forma mobilizam emoções muito semelhantes a outras experiências. São situações muito parecidas mas, não idênticas e nessas pequenas diferenças é que há a possibilidade de mudança de vida, de desconstruir padrões e abrir outros caminhos, caminhos próprios. É na diferença que muitas vezes encontramos espaço para vivermos algo novo. “Esse tipo de processo emerge na vida social culturalmente organizada, permitindo a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da produção subjetiva atual” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017, p.63).

É na relação com o outro e nas situações que experienciamos que produzimos diferentes sentidos subjetivos, ou seja, emoções são evocadas no decurso de nossas experiências. Pessoas e situações podem mobilizar diferentes processos subjetivos, facilitadores de desenvolvimento. A maneira como subjetivamos o outro, em nossa história, não depende de sua intenção e sim da forma como os processos subjetivos são organizados no vivido.

Pensar na relação psicoterapêutica é considerar que o profissional deve instigar reflexões no outro, a fim de que o indivíduo reflita sobre a forma como se reconhece. Esse pode ser um movimento para que se sinta diferente em outros aspectos da vida, abrindo um caminho de subjetivação.

A ação do psicoterapeuta se traduz no outro pela maneira como ele interpreta aquilo que é falado, pela maneira como ele sente e como as diferentes emoções tomam forma na experiência da psicoterapia. Pensar a psicoterapia é sensibilizar o indivíduo a estar ativo e imerso em suas experiências tornando-se importante compreender como as tramas sociais e os diferentes discursos estão configurados subjetivamente no decorrer da psicoterapia.

A configuração subjetiva, outra categoria importante definida por González Rey, (2011), é aquela que abarca a diversidade e complexidade dos cenários sociais da vida do indivíduo por meio de sentidos subjetivos, destacando-se seu caráter não racional.

O mesmo autor diz que:

“A configuração subjetiva permite identificar uma produção dominante de sentidos subjetivos que não aparece explícita nem na queixa da pessoa, nem em sua rotina de ações, pois é um tecido simbólico-emocional complexo que aparece indiretamente nas expressões da pessoa e que está na base do tipo de emoções que prejudicam os sistemas somático-funcionais da pessoa”. (González Rey, 2011, p.37).

As configurações subjetivas se auto-estrutam emergindo no curso desordenado de sentidos subjetivos e que orientam a rota de uma experiência de vida. Elas não são a somatória de sentidos mas, sim, sistemas em movimento. O indivíduo está envolvido permanentemente em suas ações que, ao mesmo tempo, são produções subjetivas. Ele não é refém de sua subjetividade podendo tornar-se sujeito dela o que determina um processo ativo na tomada de medidas que são fontes geradoras de sentidos subjetivos. Assim, emergir como sujeito é parte essencial da mudança de configurações dominantes no modo de viver uma experiência.

Ser sujeito é ir além do instituído, superando um momento específico da vida que origina um caminho autoral e intencional na relação com o outro e com o mundo. O sujeito não permanece submetido às situações nas quais se encontra, ou seja, ele consegue produzir e sustentar novos sentidos subjetivos orientados para caminhos alternativos, mesmo em meio a processos difíceis e dolorosos da vida.

O sujeito caracteriza-se pela capacidade do indivíduo de se posicionar frente à questões referentes aos espaços sociais que encontra-se inserido. Porém, mais do que isso, segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017) significa a abertura de um caminho próprio de subjetivação que pode ultrapassar esses espaços, os quais atuam de forma inovadora, produtiva e criativa, ou seja, é a habilidade de originar e estabelecer através de seus posicionamentos recursos subjetivos que estão, muitas vezes, distantes de sua consciência. Iniciar um caminho próprio de subjetivação se traduz em uma mudança de vida e, sobretudo, em sustentar ao longo do tempo essa mudança, esse novo posicionamento.

No contexto da psicoterapia há a possibilidade do indivíduo em suas próprias produções emergir como sujeito, fundamentalmente, propiciada pelo diálogo, recurso indispensável que é potencialmente mobilizador de novas reflexões, podendo gerar produções autorais que o levem a acessar caminhos alternativos de vida. O psicoterapeuta precisa estar

aberto à diversidade do humano, tendo como finalidade estimular reflexões no outro, focando na qualidade da relação, para que ele possa pensar sobre a maneira como se vê e se reconhece em sua própria história.

Tais reflexões não se traduzem obrigatoriamente em novas atitudes, mas podem gerar abertura para novos olhares, ainda que essas novas perspectivas façam emergir sentidos subjetivos conflituosos, incômodos, desconfortáveis, tristes ou de raiva. Sentimentos que podem libertar e originar o início de um processo de desenvolvimento subjetivo, que não se evolui gradualmente de forma organizada e contínua, mas um processo marcado por muitas contradições.

Tornar-se sujeito e entrar em desenvolvimento subjetivo não significa melhoras contínuas ou ser uma pessoa superior, como um indivíduo sem conflitos, sem problemas, sem lutas, longe disso, significa lutar pelos seus ideais, pelos seus sonhos. Ser sujeito é se colocar em posição de enfrentamento, podendo também, gerar sofrimento mesmo sabendo que está construindo e originando seu caminho próprio de subjetivação. “O tornar-se sujeito de um conflito não diminui a intensidade do sofrimento imediatamente, pelo contrário, pode agudizá-lo, mas é no caminho da opção que ele assume, abrindo novas vias de subjetivação que esse sofrimento irá diminuir” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017, p.53).

O desenvolvimento é singular e não possui etapas definidas, sucedendo de forma diferenciada em cada indivíduo, como uma produção do humano. O espaço psicoterapêutico implica em trabalhar as contradições e incoerências existentes entre aquilo que se vive e aquilo que se pretende viver, no decurso desse processo irregular que é o desenvolvimento subjetivo. O psicoterapeuta precisa estar sensível ao outro, reconhecer suas necessidades e seus próprios critérios de vida, sua maneira única de subjetivar o outro e os espaços sociais que participa.

A psicoterapia oportuniza a emergência do outro como sujeito e sua entrada em desenvolvimento subjetivo. De acordo com Rossato e Assunção (2020, p.47), consolidadas na Teoria da Subjetividade, afirmam que “o desenvolvimento subjetivo se dá quando novas produções, geradas no tensionamento das ações e relações vividas, ganham força e relativa estabilidade, possibilitando reconfigurações no sistema e abrindo caminhos qualitativamente diferenciados de produção subjetiva”.

Como evidencia Peres (2019) é necessário que o indivíduo esteja comprometido com ações criativas a fim de modificar a realidade social em que vive. Isto é, se desenvolver subjetivamente implica mais do que ser partícipe do dia a dia das relações, da construção de discursos e representações que envolvem mitos, crenças e valores mas, sim, criar alternativas

aos processos sociais hegemônicos. Por conseguinte, é fundamental que se crie condições para uma relação de confiança e comprometimento que objetiva a abertura de um espaço dialógico, pressupondo engajamento emocional e dedicação de todos os envolvidos, onde surgem as mais diversas e relevantes expressões e novas ideias dos indivíduos.

A partir do caráter dialógico retratado por Mori e Goulart (2019), como ferramenta fundamental, definiremos o diálogo, para a mudança do indivíduo em psicoterapia. É por meio da qualidade dele que o psicoterapeuta passará a desenvolver ideias, reflexões e recursos a fim de expandir processos que façam sentido para o outro, de acordo com a singularidade de vida e de seu contexto histórico-cultural. Assim, facilita o levantamento de hipóteses e instiga a pessoa a pensar sobre seus processos de vida.

Como pesquisadora da área, percebo o valor que há nesse espaço dialógico como favorecedor da manifestação da autenticidade e criatividade do outro. Me permito compreender como cada pessoa interpreta de forma ímpar os indivíduos que fizeram ou fazem parte de sua história, nos diferentes processos da vida. Nesse espaço podemos falar sobre diversos assuntos que, muitas vezes, não temos liberdade em outros contextos. Há momentos em que o indivíduo precisa de um interlocutor que possibilite um reposicionamento diante da vida, diante do outro.

A psicoterapia é um ambiente que visa abertura para reflexões e não para aconselhamento. Trabalhar com a dialogicidade é aprender a ter sensibilidade para aquilo que a pessoa expressa, poder comunicar sem limitações ou reservas e, em muitos momentos, acolher a dor, o choro, já sendo o suficiente para ela. Passamos a sentir o lugar que o outro nos coloca, às vezes num lugar que não é o meu como psicoterapeuta, outras vezes num lugar diferenciado e, a partir disso, intervimos de acordo com a especificidade de cada um.

O trabalho do psicoterapeuta não está centrado nos sintomas ou sentimentos de mal-estar decorrentes de uma história individual. Mas, sim, mobilizar e tensionar reflexões sobre aspectos significativos que dizem respeito a um modo de vida, compreendendo a saúde como uma produção cultural, simbólica e constituída de acordo com o indivíduo.

Como bem expresso por Mori (2019, p. 3):

“O conceito de saúde esteve atrelado à perspectiva de responsabilidade individual, ou seja, a doença muitas vezes é resultado de estilo de vida inadequado - sem levar em conta o impacto de aspectos sociais na organização dos processos de saúde e doença em determinada sociedade”.

Noto em discussões de grupo, com outros profissionais da área, que os indivíduos em psicoterapia normalmente estão em busca de auxílio para os conflitos vivenciados, não apenas por uma exclusiva ou atual experiência vivida, a respeito de uma doença diagnosticada ou sobre um cenário conflitivo gerador de sofrimento. Mas, a partir de diversos sentidos subjetivos evocados no decorrer de várias experiências e em diferentes âmbitos sociais que se organizam recíproca e recursivamente no decurso da vida. Toda experiência humana pode se tornar conflituosa e fonte de mal estar, não apenas pela questão dos fatos e fenômenos em si, mas pelos processos subjetivos que tomam forma ao longo do viver. Embora, o sujeito produza uma subjetividade que surja e que se revele no decurso de sua própria história, ela não pode ser distanciada ou removida de seu contexto cultural.

2.1.3 A prática do psicoterapeuta: progressos e novos caminhos.

A prática do psicoterapeuta se dá por meio de um posicionamento ativo no processo, ou seja, ouvir, acolher, se colocar, confrontar e, sobretudo, ter a sensibilidade e cuidado no exercício de suas reflexões ao trabalhar com seres humanos. Nesse decurso, auxiliado pelo caráter dialógico, que o profissional facilitará que os indivíduos pensem por novas perspectivas, abram novos caminhos e percebam importantes processos individuais e sociais, que estavam para além de sua consciência e intencionalidade. Adotar uma postura profissional e principalmente humana é importante para com aqueles que se encontram em busca de algo.

O processo dialógico com outras teorias se faz necessário para demonstrar os passos e avanços da Teoria da Subjetividade para a qualidade do processo psicoterapêutico. Haley é um teórico produtivo, profundamente engenhoso e diante de suas propostas existe a possibilidade da complementação pela Teoria da Subjetividade a nível de novas construções. O que evita a tendência da dogmatização da própria Teoria.

Segundo Haley (1998, p. 102):

“Se o terapeuta enfoca o sintoma apresentado, os clientes se consideram compreendidos. Se o enfoque for colocado no que está por trás do sintoma - ou por cima, ou por baixo, nas raízes -, os clientes terão de ser pacientes até que o terapeuta chegue naquilo que estão pagando para serem transformados”.

Valorizar o contexto interacional e comunicacional como um todo e perceber na narrativa do indivíduo e da família uma solução breve na tentativa de resolução do problema apresentado não reside num método e, sim, na forma como o problema é analisado, através de técnicas específicas para cada situação. Haley (1979) pretendia superar o que o momento podia ditar e não focar nos sintomas, estados mentais ou estado de humor.

Ele propunha, ainda, trabalhar comportamentos incompatíveis como produto de uma interação, em situações sociais e relações familiares. Entretanto, não priorizava o olhar crítico e investigativo por detrás da narrativa apresentada. Impossibilitando enxergar processos latentes e não menos importantes, referentes à subjetividade social, que interferem de forma indireta nos problemas manifestados.

Para González Rey (2011) considerar e compreender cada caso por completo, de maneira que não haja nada sobre ele que precise esconder ou rejeitar, tornando difícil vê-lo como igual a qualquer outro com que se assemelha de forma vaga, caracteriza qualitativamente a Teoria da Subjetividade. Ao refletir com curiosidade e empenho sobre os processos emocionais e simbólicos expressados, percebemos que as inquietações e a emocionalidade geradas no momento conversacional podem representar o início de ações alternativas em meio às contradições manifestadas e, num jogo incessante de ideias, mobilizar produções subjetivas dos indivíduos em psicoterapia.

Nesse sentido, a Teoria da Subjetividade se contrapõe à Terapia Estratégica, utilizada tradicionalmente com casais. Pois para ela, entre outras condutas, é importante detectar os problemas solúveis e planejar tarefas para o casal. Esse modelo de psicoterapia se distancia da Teoria da Subjetividade. Especialmente, porque não é uma estratégia de poder do psicoterapeuta sobre o indivíduo. É relevante ressaltar, que o profissional não tem respostas e tarefas adequadas a priori para solucionar os problemas e questões do dia a dia do casal. A subjetividade favorece um olhar diferenciado para as emoções, que deixam de ser resultado das experiências, se tornando parte constitutiva dos processos.

Não existe um plano de perguntas ou roteiro de reflexões e ferramentas pré-definidos. Segundo Mori (2019) a maneira como o diálogo se configura é orientada pelo reconhecimento da particularidade dos processos subjetivos de cada pessoa. Ou seja, nunca é uma ação direta do psicoterapeuta que mobiliza mudanças e, sim, a forma como a pessoa em psicoterapia produz em relação às suas próprias reflexões.

O processo psicoterapêutico, como expresso por González Rey (2012), nos desafia a criar e analisar hipóteses de casos distintos na medida em que surgem modelos teóricos originais, representando um momento empírico.

A psicoterapia representa um campo autêntico de prática profissional e de produção de saber. Nos remete a um legítimo lugar de pesquisa refletindo e abrindo possibilidades, construídas dentro de um conjunto de informações no decurso do processo psicoterapêutico. Considerando o desenvolvimento de caminhos hipotéticos importantes para a definição de seu caráter teórico.

A investigação da relação conjugal na sociedade contemporânea é uma ação contínua e ilimitada que valoriza o individual, em seu contexto histórico e cultural, num movimento permanente, mútuo e correspondente. As construções sociais interferem na conjugalidade e são produzidas de forma singular, determinadas pela subjetividade de cada indivíduo.

2.2 Os Processos da Subjetividade Social e Individual Presentes na Conjugalidade

A subjetividade presente nessa proposta, compõe-se em dois níveis diferentes, a subjetividade individual e a subjetividade social, que se constituem mutuamente, expressados em sistemas diferentes e estreitamente relacionados em suas configurações subjetivas. Os processos sociais deixam de ser vistos como algo externo ao indivíduo, tendo em vista que a subjetividade social é uma dimensão complexa do sistema humano. E os sentidos subjetivos de cada um desses níveis está intimamente organizado no outro, como uma produção singular. (González Rey & Mitjás Martínez, 2017)

Como mencionado, a subjetividade é um sistema qualitativamente diferenciado da psique, tanto por ser representativa da unidade simbólico-emocional, como por viabilizar e proporcionar o estudo de outra dimensão na organização dos múltiplos fenômenos culturais. Não se confere tal organização a qualquer função isolada, ou atribui-se qualquer tipo de determinismo externo ou intrapsíquico. Permitindo-nos aprofundar na compreensão a respeito dos processos da subjetividade individual e social, que podem gerar possibilidades novas de subjetivação para os indivíduos da relação.

A compreensão da subjetividade social requer os mesmos recursos do entendimento das configurações subjetivas individuais. As pessoas manifestam e exprimem processos da sociedade em que vivem por meio de sentidos subjetivos produzidos pela configuração

subjetiva individual de suas vivências. Existem aspectos sociais que notoriamente aparecem nas expressões dos indivíduos.

Nessa lógica, González Rey e Mitjans Martínez (2017, p.84) ressaltam que:

“A subjetividade social da família não está dada, assim como nenhuma das formas de subjetividade social, por elementos gerais que caracterizam o funcionamento aparente da família mas, sim, pelas configurações subjetivas sociais e individuais que a integram e pela maneira pela qual discursos, valores e outras produções sociais emergem nessas configurações. O posicionamento de cada indivíduo não tem um valor em si mesmo dentro da família. Sua acolhida dependerá de seu lugar nas configurações subjetivas sociais que caracterizam os diferentes processos e sistemas de relação na família”.

Discutir e entender a subjetividade social e seus processos no contexto da conjugalidade está para além de recodificar ou decifrar as mensagens trazidas, através do seu sistema conversacional e de centrar-se no problema e seus sintomas. Compreendendo que os sintomas são indissociáveis de uma história de vida e de um conjunto de relações nos mais diversos âmbitos que os indivíduos participam.

A fim de ampliar a compreensão de como os processos subjetivos se configuram na psicoterapia de casal e a qualidade de seu desenvolvimento subjetivo, torna-se necessário definir teoricamente o conceito de conjugalidade. Dantas, Féres-Carneiro, Machado e Magalhães (2019, p.2) afirmam:

“A conjugalidade, por sua vez, refere-se à identidade compartilhada a partir do entrelaçamento das subjetividades dos membros do casal, tendo sua origem na história familiar de cada um. Desse modo, a construção da conjugalidade é marcada pela continuidade geracional, por meio da qual os modelos parentais e conjugais da família de origem são transmitidos e modificados”.

Alicerçada no conceito teórico da conjugalidade, concordo que seja necessário para o casal a construção de uma realidade compartilhada, já que os indivíduos da relação carregam consigo fortes sentidos subjetivos a respeito de um sistema de valores, conceitos, regras, legados e opiniões advindos de suas famílias de origem.

Entretanto, não podemos reduzir a conjugalidade a um sistema de crenças de origem familiar, marcado apenas pela continuidade geracional. Em concordância com a subjetividade de González Rey, discutida no presente trabalho, se faz necessário pensarmos em outros

aspectos histórico-culturais, que perpassam os indivíduos de uma maneira que não reconhecem, mas que se organizam historicamente em configurações subjetivas individuais, que darão origem à configuração subjetiva do casal.

González Rey e Mitjás Martínez (2017) consideram que os sentidos subjetivos originados pela configuração subjetiva da família, nas diversas atuações relacionais envolvem as configurações subjetivas singulares de seus integrantes, no decurso de suas vivências, concebidas e geradas nas experiências de outros espaços sociais. Conduzindo para o espaço familiar outras produções da subjetividade social, acarretando nos indivíduos uma tensão constante dentro de suas dinâmicas de relacionamento.

Na conjugalidade, pensar a subjetividade e suas configurações individuais e sociais é se desvencilhar de um sistema lógico e linear que estimula a ideia universal de problemas gerados pelos indivíduos da relação, na contemporaneidade. Ou seja, a configuração da subjetividade social do casamento tem desdobramentos nos processos individuais, não como um efeito direto, mas pela forma como as pessoas produzem em relação a isso.

A construção de um casamento requer a criação de um espaço comum de interação, de uma identidade conjugal. A contemporaneidade tem sido marcada por forças contraditórias pois, por um lado as ideias egoístas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve apenas sustentar e providenciar o desenvolvimento de projetos individuais. Em contrapartida, emerge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, sonhos, desejos e propósitos (Féres-Carneiro & Ziviani, 2010).

Lypovetsky (2007) discorre sobre a identificação entre individualismo e egoísmo serem comuns em nossa sociedade. Uma fixação pelo "cada um por si", levando os indivíduos a se mostrarem insensíveis e indiferentes ao próximo, preocupados com dinheiro e interesses pessoais de caráter prazeroso.

O egoísmo, característica dominante de nossa cultura, permeia as relações de forma insidiosa, dificultando aos indivíduos de se colocarem no lugar do outro com o intuito de gerar mudanças para uma maior qualidade de vida. Tais como, alteração de rotina, planejamento de horários, inserção de novas ações e a busca por reflexões mais maduras a respeito dos sentimentos existentes na conjugalidade.

Observo, no processo psicoterapêutico, uma supervalorização da dificuldade dos casais em mudar velhos hábitos advindos de suas famílias de origem. Em suas configurações subjetivas dominantes, acreditam que a rotina estabelecida é parte normal de qualquer casamento. Buscando no outro apenas um olhar de compadecimento pelo sofrimento e estresse presente no dia a dia de uma relação naturalizada e, conseqüentemente, alternando

entre eles um posicionamento passivo referente às suas próprias indagações e demandas excessivas.

Tais ideais contemporâneos e forças paradoxais, são atravessados por questões culturais referentes à configurações subjetivas sociais hegemônicas. Como por exemplo, a ideia de que nos casamos a fim de fazer o outro feliz, nos tornando responsáveis pelo crescimento, amadurecimento e felicidade do cônjuge. Na verdade, perpetuamos uma cultura marcada pelo individualismo, tornando-se difícil o compartilhamento de projetos pessoais e a execução dos mesmos, tendo em vista a obrigatoriedade de abrir mão do que é importante para si a fim de atender a necessidade do outro, evidenciando outra configuração subjetiva social, a romantização do casamento. Discutiremos essas e outras questões mais adiante.

A construção do casamento é carregada por crenças, mitos e narrativas construídos ao longo da história da humanidade. Essas são ideias pré-concebidas e preconceituosas, crenças falsas, utópicas e sem fundamento que podem provocar conclusões precipitadas na compreensão de fenômenos, influenciando e estabelecendo parâmetros para a construção dos relacionamentos (Diniz, 2010).

Para um maior entendimento dos processos da conjugalidade, é imprescindível a compreensão do conceito de configuração subjetiva criado por González Rey e Mitjans Martínez (2017). Refere-se a um momento de auto-organização, emergindo num fluxo desordenado de sentidos subjetivos, rompendo com toda linearidade, delineando o curso de uma experiência de vida e apontando para organizações subjetivas dominantes. Ressaltando que as configurações não são a soma de sentidos subjetivos e consideram a mutualidade do histórico com o momento atual uma unidade indissociável. Representam uma rede de sentidos subjetivos, com uma certa ligação entre si, que possuem desdobramentos impossíveis de compreensão, a partir de análises isoladas das expressões subjetivas.

As organizações da subjetividade social dominante têm implicações para a maneira como os processos subjetivos tomam forma nas relações, se expressando na subjetividade individual e no relacionamento do casal, configurando a subjetividade social do casal. Entendemos que as configurações subjetivas sociais e individuais viabilizam a percepção do desenvolvimento da formação das pessoas inseridas na relação. "É uma categoria que permite acompanhar a processualidade da constituição do vivido" (Mori, 2019, p. 7).

Frente a isso, há um desafio sobre como os indivíduos envolvidos no casamento, organizados em diferentes configurações subjetivas individuais, podem avançar e amadurecer no processo da relação. Abrindo novos caminhos subjetivos e desenvolvendo recursos, ou seja, produzindo simbólica e emocionalmente outro caminho subjetivo na busca de

alternativas que promovam saúde e bem estar para a conjugalidade. Isso facilita o encontro com o outro, quando o diálogo efetivamente acontece. Ressalto, ainda, que muitos e diferentes caminhos subjetivos podem ser abertos sem que tenhamos o controle ou a previsibilidade de como isso repercutirá no casamento, os quais podem transpor as representações dominantes da subjetividade social.

Compreendemos, portanto, como os indivíduos são afetados por questões que dizem respeito a configurações subjetivas sociais hegemônicas, que acompanham a história de uma cultura. Como o egoísmo, o controle, o patriarcalismo, a vitimização, o imediatismo, o consumismo, a ausência de diálogo, a romantização das relações amorosas. Eles não se vinculam, fundamentalmente, com o problema da relação. Mas, sim, com as características referentes à subjetividade social.

Como bem coloca González Rey (2011, p. 11):

“Como a cultura não é um dado da natureza, mas uma construção social, essa tarefa geracional está atravessada tanto pela tradição, a transmissão do passado, quanto pela criação, os desafios do presente, e a projeção, as expectativas do futuro. Essa polaridade entre o que foi e deve ser mantido, para que o fio do tempo não se rompa, e o que ainda não é, mas deve ser proposto, para que a cultura não caia na estagnação, instala o conflito doloroso e inevitável que podemos designar como história.”

Torna-se impossível falar da subjetividade humana sem considerarmos a cultura e suas construções. A subjetividade social oferece condições teóricas para a compreensão de fenômenos psicológicos a partir de sua complexidade, considerando-os na sua interrelação com os aspectos históricos e culturais, sendo estes constituídos e constituintes em uma dinâmica de recursividade.

Os desafios que surgem no decurso da relação, muitas vezes, não são vividos e enfrentados com empenho dialógico, objetivando a construção de vínculo e transformação em busca de um desenvolvimento subjetivo. Pelo contrário, tais experiências têm produzido sentidos subjetivos relacionados a outros sistemas de relação e âmbitos sociais. Outras configurações subjetivas que se organizaram de acordo com uma história, expressados por comportamentos vitimizados, infantilizados e conformados dificultam o reconhecimento da importância de um novo posicionamento, que permita um processo de ruptura, ou seja, a abertura de um caminho alternativo para o desenvolvimento subjetivo do casal.

A busca pelo prazer como propósito de vida, por exemplo, coloca o outro no papel de objeto, como se existisse somente para me fazer feliz e, se não sou feliz de forma permanente,

rompe-se a relação ou procura-se ajuda de um profissional detentor do pleno saber. Esse é outro reflexo de uma configuração subjetiva dominante a respeito da representação do psicoterapeuta ao longo da história da psicologia, como aquele que possui conselhos educadores, soluções preditivas e técnicas, em que a conduta, infelizmente, de alguns desses profissionais, reforça ainda mais a incapacidade das pessoas de pensarem de forma crítica sobre suas vidas. A busca por soluções cada vez mais rápidas são constituintes e constitutivas de uma cultura imediatista e consumista para questões de ordem subjetiva, complexa e profunda, que são os relacionamentos amorosos.

Como expressa Bauman (2004) uma cultura consumista como a nossa favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços demorados, receitas testadas e garantias. A promessa de aprender a arte de amar é uma oferta enganosa, mas anseia-se que seja verdade, para construir uma experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias que seduzem por todas essas características, prometendo uma relação sem muito esforço e resultados sem dedicação. Uma sociedade como a nossa valida todas as formas de prazer, que sejam alcançadas imediatamente, com pouco custo, esforço e empreendimento.

Numa sociedade hedonista, em que a busca pela satisfação tem se tornado o objetivo principal da vida, o prazer surge como bem supremo. A tolerância, característica de extrema importância para a saúde dos indivíduos e seus relacionamentos, pouco tem sido praticada e desenvolvida, diria que tem sido abandonada por uma geração que cultua a novidade, o aqui e agora, e se esquece da dimensão e complexidade da vida e o enredo de sua história. Os valores contemporâneos como liberdade e individualidade, aliados à ênfase na satisfação e à pouca tolerância, afetam a disponibilidade para investir em um relacionamento de forma duradoura.

Relacionamentos demandam tempo, enfrentamento, diálogo e contradições que dizem respeito à uma jornada de vida, uma longa trajetória. Planejar-se, envolver-se, empenhar-se, têm se tornado uma ideia aversiva, pois remete a uma sensação de perda de tantas outras relações satisfatórias e prazerosas por uma, apenas uma, que demanda muito esforço, criatividade, empenho e, acima de tudo, tempo.

Uma outra questão da subjetividade social brasileira refere-se à romantização das relações amorosas. O que tem levado, muitas vezes, ao conformismo, assujeitamento e subordinação às situações prejudiciais para a qualidade da relação. Em outras palavras, a falta de posicionamento e frontalidade têm gerado a naturalização de um modo de vida produtor de sentidos subjetivos carregados de um mal estar, indiferença pelo outro, frieza, sensação de

falta de vínculo e estranheza que também pode-se considerar como não sendo um assunto do casal e sim parte de uma questão cultural.

Vejamos o seguinte trecho de Bach e Wyden (1991, p. 21):

“O fato é que a raiva é considerada tabu na sociedade moderna. Não é “cavalheiresca”. Não é “feminina”. Não é “bonita”. Não é “madura”. Acredita-se que estamos na era das suaves argumentações e da “proximidade”. A própria palavra “briga” deixa a maior parte das pessoas pouco à vontade. Elas preferem falar a respeito das “diferenças” ou das “discussões tolas”. Fazem esforços consideráveis para manter uma tranquilidade que não significa paz”.

Brigas no relacionamento de modo algum representam uma anormalidade. São humanas, normais e necessárias. Para ficarem juntos, os parceiros devem ter a capacidade de contar um com o outro para valer e, a briga, a inquietude e as tensões preenchem a função de livrar os casais de expectativas irreais ou crenças românticas. Possivelmente, a familiaridade e o comodismo, gerados durante a jornada do casamento, podem fazer emergir sentidos subjetivos de desatenção, pouco-caso, indiferença e, muitas vezes, repulsa e nojo. A transição das expectativas fantasiosas do namoro para a realidade de um casamento, tende a ser não apenas dolorosa, mas também, desorientadora e, por isso, a necessidade do diálogo, em sua qualidade subjetiva, se torna fundamental.

O controle da raiva no lugar do diálogo tem sido encarado como maduro, numa cultura de pessoas frágeis emocionalmente e pouco resistentes à frustração, em que ser claro e franco na comunicação têm se tornado demasiadamente ofensivo. Claro que um indivíduo não é definido por uma ação ou um contexto social, mas sim, a partir de diferentes sentidos subjetivos que emergem ao longo de sua história e vivências pessoais, nos mais diversos espaços sociais compartilhados que vão se organizando, fazendo com que os indivíduos se posicionem de determinadas maneiras, não conscientes, frente ao outro.

De acordo com Peres (2005, p.318):

“A qualidade relacional da família depende do seu sistema de comunicação e do grau de intimidade gerado entre eles. Acreditamos que a comunicação familiar, que possibilita a cada membro expressar suas emoções geradas na relação, deve ter sua singularidade em cada família concreta, isto é, os membros devem ter um estilo peculiar de expressar suas subjetividades constituídas em seus contextos relacionais. Defendemos a ideia de que essa deve ser uma das prioridades do grupo familiar”.

As diferenças que são geradoras de conflitos precisam ser trabalhadas no dia a dia da relação, a fim de evitar que se transformem em um abismo intransponível entre parceiros. A aversão àquilo que é diferente tem se acentuado em nossa sociedade que, a cada dia, busca a padronização de estilos de vida, vestimentas, projetos, formas de viver e pensar, o que leva os indivíduos a ansiar por pares, por aquilo que é semelhante ou igual. Torna-se contraditório quando entendemos que nossa identidade é formada nas diferenças e que elas são salutares para a qualidade do nosso desenvolvimento. “O vínculo conjugal e o vínculo parental, contudo, impõem a obrigatoriedade de submeter-se a alteridade. As trocas intersubjetivas ocorrem no espaço potencial e são mobilizadas pelo efeito de alteração provocada pelas presenças mútuas” (Magalhães, 2010, p.211).

Em conformidade com tais conceitos, pensar na conjugalidade é entender que ela não deve ser vista de forma universal. Cada uma pode gerar um estilo, uma forma, um contexto emocional, um sistema de comunicação único e incomparável. Segundo Peres (2005), a família é um espaço singular de produção de subjetividades individuais e, portanto, da possibilidade de transformação dos papéis ideológicos da cultura na qual ela está inserida.

Há um desafio agregador em ser psicoterapeuta de casal. Temos um trabalho direto e com evidências que a própria subjetividade social do casal nos proporciona. À medida que vemos o funcionamento da relação, sua dinâmica e as questões trazidas pelos indivíduos, passamos a ter vários elementos que nos permitem ter visões de uma sociedade que é falada de um lugar completamente diferente pelos indivíduos presentes, por dizer respeito à subjetividade individual dos mesmos.

O papel do psicoterapeuta é compreender como as pessoas envolvidas na relação sentem e representam seus processos de vida, percebendo como um cônjuge subjetiva o outro no decurso do casamento. Quando eu falo do outro eu estou falando de como eu sinto esse outro e de como eu sou. Isso significa que independentemente da intenção do cônjuge em suas ações, não determina a maneira como seu parceiro a subjetiva. A emocionalidade que é evocada no decorrer da conjugalidade tem a ver como tais indivíduos se organizam no processo de suas vidas. Portanto, a prática profissional diz respeito à qualidade da compreensão da relação conjugal.

A qualidade do diálogo e suas ferramentas que facilitam este acontecer, são possibilidades de colocar a pessoa num outro lugar e fazê-la sentir as coisas a partir deste lugar. É importante que essa seja uma habilidade do psicoterapeuta pois, um bom profissional ao confrontar provoca reflexões de modo que os indivíduos não se desorientem. Não sendo nada tão impositivo que a pessoa não tenha tempo de pensar, digerir e refletir sobre aquilo que

o outro apresenta. O psicoterapeuta precisa saber usar seus próprios recursos e, além de tudo, ter valores éticos e humanos que orientem sua boa prática, que demanda pensar sobre sua própria existência, a fim de não impor seu mundo ao outro.

Os processos humanos se configuram subjetivamente para além da consciência, como um sistema complexo e contraditório, ou seja, as condições iniciais de um fenômeno nunca são a causa de sua forma amadurecida. A subjetividade, então, rompe com o racionalismo, pois evidencia os processos emocionais que constituem o humano. Nessa lógica de rompimento de uma linearidade e determinismo, que desconsidera e desvaloriza o modo de vida das pessoas, é importante refletirmos a respeito de como se dá o desenvolvimento subjetivo dos relacionamentos conjugais. Como bem mencionado por González Rey (2011, p. 35):

“Um relacionamento amoroso não existe na sequência de atos e situações objetivas vividos de forma conjunta, mas como uma configuração subjetiva através da qual tomam vida na relação do casal sentidos subjetivos que respondem a desdobramentos biográficos, cada um deles emergindo, conjunturalmente, nas situações do relacionamento e se integrando a expressões que parecem ser o resultado do aqui e agora da relação. Porém, os sentidos subjetivos das configurações subjetivas atuais da vida de um casal não podem ser buscados apenas na história do relacionamento desse casal, o que é geral no estudo de qualquer sistema subjetivo.”

Permanentemente, nessa unidade simbólico-emocional, nossas experiências de vida tomam forma, se organizando em nossas histórias não apenas pessoais, mas institucionais e grupais, evidenciando a existência da subjetividade social. Ter o conhecimento dos processos históricos individuais como a dinâmica das famílias de origem, os valores, regras e legados vividos e sentidos durante a infância e adolescência. Consequentemente, como as pessoas vivem seus relacionamentos atuais nos diferentes âmbitos sociais, facilita enxergar suas produções subjetivas nessas condições de vida.

Cada membro de uma família é uma parte constituída de configurações da subjetividade social em que está inserido, trazendo ao nível de comportamento e de contradições esses múltiplos espaços sociais que participa para o espaço familiar. A subjetividade é produzida a partir de uma organização histórica, não como resultado direto dos processos que vivemos nos espaços que compartilhamos mas, na dualidade entre individual e social que os indivíduos vão produzindo nos diferentes sentidos subjetivos que passam a configurar sua relação com o outro.

Os indivíduos da relação conjugal trazem consigo sentidos subjetivos de outras experiências do percurso da vida que carregam para o núcleo familiar. A configuração subjetiva da família é experienciada por cada um mediante a qualidade de tais sentidos subjetivos. A maneira que cada pessoa da relação vive sua condição social em outras experiências faz com que ela gere, diante de situações vividas no dia a dia da família, novos sentidos subjetivos que vão se configurando em seus posicionamentos na relação (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017).

O casamento contemporâneo, na medida em que envolve um alto grau de intimidade e de envolvimento emocional, emerge como uma configuração subjetiva dominante na vida das pessoas. Compreender os indivíduos envolvidos na conjugalidade é necessariamente estudar e compreender o social.

2.3 Subjetividade e modo de vida

O modo de vida é uma produção subjetiva que se refere às ações do cotidiano, relações, prioridades e preferências que definem em sua totalidade a forma como vivemos. Muitas das rotinas habituais dos indivíduos são produções subjetivas que foram naturalizadas tornando, assim, a mudança mais difícil (González Rey, 2011).

Como já discutido, percebemos uma inquietude a respeito do valor e da importância da comunicação para os relacionamentos conjugais. Evidenciamos alguns aspectos consideráveis que podem contribuir de maneira efetiva para a promoção de saúde, como o diálogo e práticas qualitativamente diferenciadas no modo de vida. Retratamos esses conceitos pela perspectiva histórico-cultural da Teoria da Subjetividade, considerando a propriedade de tais elementos como recursos subjetivos favorecedores e facilitadores, para a emergência de sujeitos e melhoria da qualidade de vida para os indivíduos inseridos na relação, os quais possuem potencialidade de se desenvolver subjetivamente no percurso da vida.

Os processos de subjetividade estão envolvidos em redes dialógicas, onde se formam novos espaços de subjetivação. Conforme González Rey e Mitjans Martínez (2017, p.23):

“Consideramos desenvolvimento subjetivo o desenvolvimento de novos recursos subjetivos que permita ao indivíduo câmbios qualitativos em áreas diversas da vida e que lhe geram um envolvimento pessoal cada vez mais profundo na área em que a configuração subjetiva do desenvolvimento se organiza”

O diálogo não é uma força ou uma estrutura independente, mas um espaço capaz de gerar novos sentidos. Um espaço que proporciona e possibilita os indivíduos a entrarem em desenvolvimento subjetivo. Há a abertura de caminhos, alternativas, possibilidades e escolhas, onde nós mobilizamos o outro a ser sujeito e conseqüentemente, mobilizamos mudanças. Os sentidos subjetivos emergem e são produzidos na diversidade de diálogos e no decurso das ações, nos diversos momentos e âmbitos da vida. Vale acentuar que, de acordo com a presente Teoria, no lugar em que não há empenho, participação e envolvimento emocional, não há diálogo.

Em minha atuação com os casais percebo a pouca consideração dentro dos relacionamentos conjugais, o menosprezo pela saúde que é gerada pela qualidade do modo de vida do casal. Vivem pela busca apressada e ilimitada para cumprir as obrigações do dia a dia referentes ao trabalho, benefícios financeiros, cuidados com a casa e obrigações com filhos.

Uma rotina muitas vezes inflexível, que dificulta um olhar mais crítico sobre o funcionamento qualitativo da relação. Inviabilizando a construção de um espaço dialogal que poderia ser gerador de novos sentidos subjetivos e conseqüentemente produtor de alternativas, oferecendo maior qualidade subjetiva ao relacionamento.

Como enfatizado por Peres (2005) a qualidade relacional da família advém de seu sistema de comunicação e do nível de vínculo, confiança e proximidade gerado entre eles. Pois, a comunicação é favorecedora para que os indivíduos da relação pronunciem-se e exponham seus pensamentos e a emocionalidade produzida nas situações vividas, respeitando a singularidade da subjetividade social de cada família e a forma legítima e autêntica de cada membro subjetivar as relações.

A autenticidade é outro importante componente da saúde mental. Quando a verdade, a legitimidade, a franqueza e espontaneidade de ser quem você é em um relacionamento, torna-se comprometido. Porém, quando aquilo que o indivíduo pensa está distante ou dissociado do que ele faz é produzido, então, uma fonte de mal estar, insatisfação e sofrimento para o relacionamento. A questão não é como o casal reage frente às dificuldades normais e desafiadoras de um matrimônio, a questão é a maneira como o casal vive e percorre esse caminho. Os indivíduos presentes nessa relação passam a ser agentes responsáveis pelo relacionamento, à medida que tiverem ações indissociáveis de seu contexto de vida.

Ser sujeito implica em autenticidade, provocando e acarretando em contradições e tensões. Dentro de um casamento, eu sou autêntico num lugar que não é o meu e minha autenticidade pode gerar sentidos subjetivos os quais não são a minha intenção original, podendo repercutir no relacionamento de diversas maneiras. Porém, é justamente dentro desse processo de tensões, inquietações e apreensões vividos na relação que os indivíduos podem emergir como sujeitos, o que facilita a entrada em desenvolvimento subjetivo das pessoas envolvidas e, conseqüentemente, a emergência de novos sentidos e a produção de diferentes configurações. As contradições, diferenças e conflitos encontradas nessas tensões são, muitas vezes, o segredo para o desenvolvimento.

Numa definição mais filosófica, consinto com Bauman (2004, p.33) quando diz que:

“Todos os amantes desejam suavizar, extirpar e expurgar a exasperadora e irritante alteridade que os separa daqueles a que amam. Separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida. Que melhor maneira de atingir esse objetivo do que transformar o amado numa parte inseparável do amante? Aonde eu for você também vai; o que eu faço você também faz; o que eu aceito você também aceita; o que me

ofende também ofende a você. Se você não é e nem pode ser meu gêmeo siamês, seja o meu clone”.

Esse movimento de abandono da singularidade é bastante comum e naturalizado nos relacionamentos conjugais, um forte desejo, muitas vezes não consciente, de mudar o outro a fim de que se tornem iguais nos gostos, nos objetivos, na forma de pensar, no jeito de falar e discutir, na maneira de se portar e se posicionar nas diversas situações da vida. Vai muito além de um sentimento de posse pois, na verdade é tentar desesperadamente fazer com que o outro seja igual a mim. Não querer lidar com as diferenças, com as divergências e com as discórdias, é não viver efetivamente um relacionamento. É, portanto, não aceitar a existência de um outro que não seja eu, é viver um egoísmo disfarçado de amor.

A necessidade onerosa e dispendiosa, de interpretar e compreender diferentes universos, tem mobilizado os indivíduos, na sociedade atual, a passarem mais tempo na companhia de seus “iguais” (Bauman, 2011). A interação de maneira rasa e resumida, reflexo da cultura superficial brasileira, tem sido considerada positiva para as relações pois, evita-se o risco da incompreensão, minimizando o desgaste da tensão de enfrentar face a face as diferenças.

A qualidade do modo de vida como uma produção subjetiva, numa relação amorosa, dependerá de algumas práticas e condutas importantes. A partir da tomada de significativas e valorosas ações como, ter a autonomia de viver e caminhar de acordo com a singularidade de cada um e a constante reflexão crítica de ambos, que a relação terá chances de sobreviver em meio às experiências mais desafiadoras da vida. Evitando, assim, que não aconteça a naturalização de uma rotina produtora de mal estar, possibilitando ao indivíduo emergir como sujeito de sua própria vida.

Determinadas práticas de relação fazem com que os indivíduos percam a capacidade crítica, passando a considerá-las normais. A perda de reflexões aprofundadas diante desses comportamentos reduz a possibilidade de mudanças em relação a eles, afetando a própria capacidade de sentir emoções de mal-estar e desconforto em relação a essas práticas (González Rey, 2011).

Questões importantes como a organização e administração do tempo, os tipos de atividades diárias e a maneira como acontece o empenho de cada indivíduo nessas atividades, integram um modo de vida qualitativo. A forma de alimentação, o gerenciamento financeiro, a criação dos filhos têm sido ignorados pelo olhar mecânico e determinista que ainda está atravessado de forma intensa em nossa sociedade, naturalizando, muitas vezes, uma rotina geradora de sofrimento, conflitos e doenças.

A normalidade, aquilo que não muda nunca, que está sempre à mão, é uma espécie de cortina que impede qualquer tipo de revisão e reconhecimento mais profundo dos processos do viver a vida (Bauman, 2011). Apesar de confortadora e em muitos momentos analgésica, pois gera sentimentos de segurança e certeza do amanhã, a rotina pode enfraquecer, insensibilizar e cegar os nossos sentidos produzindo uma normalidade para o cotidiano das relações. Nem tudo o que se torna natural, corriqueiro e ordinário produz bem estar ou promove saúde, a rotina impede o reconhecimento de sentimentos de desconforto e mal estar e uma revisão minuciosa da vida em suas relações, como bem discorre o autor.

Estabelecer rotina pode ser também importante para o desenvolvimento das relações conjugais, gerando sentidos subjetivos relacionados a solidez, segurança e uma certa estabilidade em suas organizações. Como expressa Diniz (2010, p. 140), “as pessoas se escolhem por compartilharem interesses comuns. Desenvolver “rotinas” em torno de alguns desses interesses pode servir como ponto de união e sustentação da relação. Assim, a questão é tratada de uma forma inovadora, construtiva e criativa”.

Dentro de uma configuração subjetiva cristalizada por um modo de vida rígido, há dificuldade para a realização de mudanças inovadoras. A falta de reflexão, diálogo e negociações, possibilitam a naturalização de processos geradores de mal estar, produzindo baixa qualidade de vida para o casal, sem que este reconheça, dificultando a produção de recursos subjetivos que favoreçam um desenvolvimento qualitativo.

Bem expressado por Mori (2019, p. 8):

“A depender dos recursos subjetivos da pessoa, ela gera emocionalidade que lhe possibilita avançar e não se reconhecer como doente; ou ela fica paralisada perante um discurso dominante, pois os sentidos subjetivos produzidos perante a experiência não são facilitadores da emergência de novos caminhos”.

O diálogo, a autenticidade e o modo de vida não salvam e nem libertam os casamentos de contradições, sofrimentos, desafios e tensões. Esses são caminhos de se vivenciar os processos da vida, os quais fazem parte dos relacionamentos e que de alguma forma são relevantes e fortes impulsores para o surgimento do sujeito e, conseqüentemente, o amadurecimento e crescimento das pessoas da relação. Porém, o indivíduo que muitas vezes se sente ameaçado, limitado ou confrontado numa relação, poderá também emergir como sujeito, produzindo sentidos subjetivos dentro de uma configuração subjetiva atual, sem que haja, primordialmente, o diálogo.

3 METODOLOGIA

3.1 Epistemologia Qualitativa e seus Pressupostos.

A Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (1997, 2005, 2017), na qual se apoia a pesquisa construtivo-interpretativa, orienta os processos metodológicos desta pesquisa. A pesquisa qualitativa é uma realização autoral. Um processo de contínua construção de uma produção teórica, ou seja, um conhecimento que é produzido no decorrer da própria pesquisa. Ela caracteriza-se pela construção de um modelo teórico que expressa as ideias e construções do pesquisador, dentro de um conjunto ilimitado e inacabável de expressões, que tomam sentido no contexto em que aparecem, um processo que demanda entrega e dedicação.

O primeiro pressuposto da Epistemologia Qualitativa (González Rey & Mitjans Martínez, 2017) é o reconhecimento do valor da singularidade, que por muito tempo ficou à margem da pesquisa na psicologia por representar um contratempo para a generalização como caminho de legitimação dos resultados. O singular caracteriza-se como informação diferenciada que se fundamenta no caso específico e que toma significado em um modelo teórico, o qual tem a ver com o tipo de problema singular que uma pesquisa pretende elaborar, que se desenvolve apoiado em construções teóricas costuradas em uma teoria.

Seu caráter construtivo-interpretativo, o segundo pressuposto, preserva a ideia do conhecimento como uma produção e não uma adequação linear da realidade ou uma reprodução do saber, rompendo com a dicotomia entre teoria e prática. O método de produção científica do conhecimento pode ser visto como uma forma de conversa entre pesquisador e pesquisado, ou seja, a centralidade do diálogo no processo da pesquisa evidencia e reforça o caráter comunicacional dos processos subjetivos, do mesmo modo que valida e reconhece o singular na produção do saber.

Ressaltamos a inseparabilidade entre prática e pesquisa científica, levando em consideração o atributo dialógico de ambas, favorecendo processos subjetivos facilitadores de mudança aos indivíduos envolvidos, promovendo o seu desenvolvimento. Um processo ininterrupto, que está sempre em movimento, se desdobrando em recursos subjetivos ao modo de viver e alternativas situacionais que emergem no decurso da vida.

O processo dessa pesquisa não se refere a uma simples coleta de dados ou acúmulo de informações. A construção das informações é realizada pelo próprio pesquisador, na qual

resultará em um modelo teórico. “A compreensão da pesquisa como produção teórica exige partir de uma teoria e usar seus conceitos como instrumentos da construção sobre o assunto pesquisado, o que permite avançar, de modo diferenciado, em questões sobre as quais outras teorias não permitem” (González Rey e Martínez, 2017, p.46).

O pesquisador é aquele que se posiciona de maneira ativa. No decorrer da pesquisa está sempre em ação, atuando de forma dinâmica, criativa, curiosa, provocativa e reflexiva, portanto, assumindo a posição que vai além de uma suposta neutralidade. Quanto mais seriamente o pesquisador considerar e acreditar no caso a ser estudado, mais se esforçará para percebê-lo e compreendê-lo em sua magnitude, sem esconder ou ignorar nada. Assim, torna-se mais difícil enxergar o caso como igual a qualquer outro, tornando-o singular e especial.

Para Kaufmann (2013), o pesquisador é comparado a um artesão intelectual, aquele que entende que o amontoado de informações não é o saber, ao contrário disso, é ele quem realiza, produz e constrói as informações. Ele é homem de campo, metodologista, teórico, que faz progredir o conhecimento. Fortalece os debates teóricos e se interessa de forma proativa e criativa, por outros assuntos que vão além daquilo que está sendo estudado.

Em sua prática, ele deve fundamentar a área a ser investigada com competência teórica, a fim de que sua criatividade seja bastante utilizada, apenas, como mais um recurso intelectual. Na falta de um conhecimento teórico consistente, as ideias e opiniões próprias do pesquisador assumirão o controle, tornando a pesquisa rasa e infundada. É necessário haver coerência no conjunto do desenvolvimento da pesquisa a fim de que o conhecimento produzido seja validado com qualidade e legitimidade.

Por meio de sua engenhosidade e criatividade singular, o pesquisador é quem produz os significados. Tanto como elaboração individual, como pelo importante conhecimento teórico, onde tais significados se vinculam na construção do problema da pesquisa, que é uma produção subjetiva. São os significados os aspectos fundamentais sobre os quais a pesquisa se volta e não, simplesmente, os elementos e informações fora de um sistema de significação (González Rey e Martínez, 2017).

Vejamos o que Becker (2008, p.32) diz quando o pesquisador não se empenha em buscar um conhecimento teórico profundo, por meio de leituras e estudos:

“Nossas representações neste nível determinam a direção de nossa pesquisa - as ideias com que começamos, as perguntas que fazemos para verificá-las, as respostas que consideramos plausíveis. E fazemos isso sem que pensemos muito a respeito, porque estas coisas são coisas que mal sabemos que “sabemos”. São apenas uma parte da

bagagem de nossas vidas comuns, o conhecimento em que nos fiamos quando não estamos sendo cientistas e não sentimos que precisamos saber coisas daquela maneira científica especial que nos permitiria publicar em revistas científicas bem-conceituadas”.

A ciência não consiste em um conhecimento sem desenvolvimento, ao contrário, a ciência deve abrir possibilidades e alternativas de um conhecimento em que todas as respostas ainda não foram oferecidas, pois no momento em que isso ocorre proporciona a criação de novas perguntas, questões e problemas. A pesquisa qualitativa é uma produção do saber, uma produção de ideias próprias, apenas inspiradas em uma teoria. E para que essa produção aconteça é importante que haja engajamento por parte de todos os envolvidos.

Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017), para que esse envolvimento ocorra é indispensável e elementar, no desdobramento da pesquisa, a comunicação dialógica, terceiro pressuposto da Epistemologia Qualitativa. As informações são geradas nesse sistema conversacional, o que permite um processo construtivo daqueles que participam, implicando em contradições, rupturas, abertura de caminhos e novas produções subjetivas. Todavia, a principal expressão do ser humano é a fala, implicada na reflexão ativa e no posicionamento dos indivíduos e grupos.

Todas as etapas são importantes para o processo de construção das informações. Estas são significativas e relevantes para o problema estudado e não aparecem de forma direta nas respostas ou na fala de forma óbvia, mas nas hipóteses que o próprio pesquisador vai construindo, as quais ganham força através dos indicadores que estão apoiados nas expressões indiretas, durante todas as fases da pesquisa.

“Podem ser relevantes na construção de indicadores elementos como a forma adjetivada ou personalizada de narrar as experiências com os outros, a maneira pela qual aparecem organizados no relato tempos da vida de seu autor, as emoções, o silêncio, a excessiva ênfase sobre algo em detrimento de outros aspectos possíveis no relato, a relação entre esses aspectos, assim como podem surgir também como indicadores olhares, posturas, comportamentos. Enfim, os indicadores resultam do significado que o pesquisador gera acompanhando os diferentes modos de expressão dos participantes de uma pesquisa” (González Rey e Martínez, 2017, p. 110).

Meu objetivo não é compreender as relações conjugais, como fez uma grande geração de pesquisadores de família, somente por meio de fatores no panorama e nas circunstâncias

presentes da dinâmica do casal em seu contexto interacional ou buscar, apenas, uma recodificação das mensagens trazidas através do sistema comunicacional dos indivíduos. Em vez disso, busco compreender, no decurso da pesquisa, os diferentes processos subjetivos individuais e sociais, que se configuram na psicoterapia de casal e todos os pequenos e relevantes passos dessa caminhada um tanto quanto complexa, subjetiva e envolvente.

As hipóteses levantadas, através das informações observadas, construídas pelo pesquisador e perpassadas pela sua inteligibilidade poderão produzir um conhecimento a fim de haver uma compreensão dos processos subjetivos conjugais e sua relação com os processos individuais e sociais, expressados na psicoterapia. Não busco por generalizações, respostas simplistas ou uma grande quantidade de provas, obtidas pelo maior número de casais que confirmem os conceitos estudados. A singularidade do caso, que me levará a um modelo teórico, me possibilita significar outros fenômenos e legitimar meu modelo.

3.2 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada em um consultório particular de psicoterapia, pertencente ao próprio pesquisador, localizado em uma área do plano piloto, Brasília - Distrito Federal. O consultório existe desde 2010 e foi gerado e imaginado objetivando receber pessoas adultas, de forma individual e, em especial, receber casais e famílias.

A finalidade do trabalho do psicoterapeuta/pesquisador sempre foi explorar ao máximo o universo único e original de cada pessoa que chegasse à psicoterapia. Não como uma abordagem ou método centrado na solução de problemas apresentados pelos indivíduos dentro de seus contextos relacionais, ou seja, com alguma intervenção ou recurso elaborado a priori. Mas, sim, observar, conhecer e percorrer, por meio da dialogicidade que, como já dito ao longo do trabalho, pressupõe engajamento emocional de ambos, pesquisador e participantes, podendo oportunizar reflexões importantes para a abertura de novas perspectivas e possibilidades no viver a vida.

O consultório dispõe de um sofá, com espaço para três pessoas, uma cadeira reclinável e um gaveteiro onde ficam guardadas as pastas suspensas com as anotações e registros do psicoterapeuta. Oito almofadas coloridas no chão, caixinha de perguntas diversas, folhas em branco e pranchetas para a elaboração criativa de ferramentas/instrumentos, podendo ser usados ao longo do processo, como uma maneira de viabilizar o diálogo e reflexões por novos olhares. Falaremos das ferramentas e registros detalhadamente, mais adiante.

3.3 Construção do cenário de pesquisa

A Psicoterapia, cenário escolhido para minha pesquisa, representará uma ação ativa e criativa do pesquisador, orientado para promover, de forma reflexiva e provocativa, o envolvimento emocional dos participantes. A qualidade do diálogo entre eles será caracterizado pela emocionalidade presente, capaz de envolvê-los em suas expressões nesse processo comunicativo da pesquisa. Portanto, a dinâmica dialógica é fundamental nesse espaço relacional entre pesquisador e pesquisado.

O processo de diálogo na psicoterapia é uma ferramenta importante para instigar e sensibilizar reflexões teóricas que possibilitem compreender os processos humanos de uma forma mais complexa. “É interessante pensar como o psicoterapeuta nesse momento converte-se em pesquisador. A ideia não é comprovar suas hipóteses, mas a partir do caso singular gerar visibilidade a processos subjetivos que muitas vezes estão naturalizados no cotidiano” (Mori, 2019, p. 11).

Portanto, a comunicação é uma categoria de extrema importância para o estudo da subjetividade nos relacionamentos conjugais e condição essa também indispensável para o método da pesquisa qualitativa. A complexidade do engajamento emocional dos envolvidos na relação conjugal não é algo que se encontra no mesmo grau, em todos os tempos e lugares e por isso é necessário conhecer, durante o processo de pesquisa, a qualidade emocional das relações que são únicas e improváveis de generalizações.

É nesse sentido que entra nessa pesquisa um estudo de caso, de natureza qualitativa, tendo a psicoterapia como campo de pesquisa que, para mim, acontece por uma razão que vale ressaltar: é parte do dia a dia da minha experiência como psicoterapeuta a possibilidade diária de aprofundamento, estudo, observação e reflexão na compreensão dos significados diante dos fenômenos e na busca do entendimento sobre a diversidade de manifestações do indivíduo. Afastando-me, em todo tempo, de quantificações de uma ciência objetiva que afirmaria verdades como resultado de um método criterioso a priori.

A psicoterapia é um processo contínuo e permanente, o que faz aprofundar ainda mais a pesquisa. Em todo momento, ela nos permite e obriga a acompanhar cada caso por completo, construindo hipóteses e originando o modelo teórico. Dessa forma, as decisões metodológicas tomadas no decurso da pesquisa podem ser redirecionadas devido às

necessidades de cada momento, enriquecendo ainda mais o modelo teórico em desenvolvimento.

3.4 Participantes

O casal pesquisado é originário do meu consultório de psicologia. O caso teve início em fevereiro de 2018 apenas com um dos participantes, Maria, a qual procurou a psicoterapia a fim de trabalhar questões individuais. De fevereiro a agosto, durante o processo psicoterapêutico, foram feitas algumas sessões de casal, a esposa e seu marido juntos, Maria e João (nomes fictícios). Em setembro de 2018 encerramos a psicoterapia individual e iniciamos a de casal. Desde outubro de 2018, as sessões do casal têm sido realizadas quinzenalmente e com duração de, em média, uma hora e meia.

Há o consentimento e autorização dos participantes para utilização dos dados e informações relativas ao processo psicoterapêutico, preservando suas identidades e modificando algumas informações a fim de resguardá-los.

Maria e João têm acima de trinta e cinco anos de idade, casados há mais de seis anos e não têm filhos. Maria é graduada em Direito, trabalha como advogada e João não possui nível superior completo, trabalha em uma companhia aérea. A escolha do caso Maria e João não foi aleatória. Ela evidencia uma complexidade singular e interessante que me fez pensar em processos individuais e, sobretudo, sociais, fazendo-me enxergar com clareza questões referentes a subjetividade social. "A vida social é dinâmica, dependente dos sistemas de ações em que sujeitos sociais e individuais se implicam ativamente e os indivíduos são parte inseparáveis das configurações subjetivas sociais em níveis diferentes" (González Rey e Martínez, 2017, p.78).

3.5 Instrumentos

Os instrumentos são viabilizadores das mais diversas expressões das pessoas envolvidas na pesquisa. Eles constituem-se numa natureza relacional, comunicativa e dinâmica, possibilitando aos participantes a manifestação e a emergência de sentidos subjetivos importantes a partir do lugar que ocupam. Conforme, González Rey (2005), em sua perspectiva metodológica, o instrumento é definido por ser toda situação ou recurso que permite ao outro pronunciar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa.

Desse modo, os instrumentos são recursos que possibilitam o surgimento de indicadores, de suspeitas, que se fortalecem no decurso de outras expressões e indicadores, os quais nos fazem aprofundar nos significados que construímos na análise do caso. As informações podem ser geradas por vias criativas e diferentes, encontrando novos significados no processo construtivo-interpretativo. "Quando, na informação já produzida na pesquisa não se têm outros elementos para acompanhar a construção teórica em andamento, é preciso formular novas questões ou instrumentos no trabalho de campo que permitam novas informações para continuar o caminho de produção teórica" (González Rey & Mitjans Martínez, 2017, p.124).

As informações com as quais trabalharei são decorrentes dos mais diversos registros realizados durante as sessões. Nesses registros encontram-se o histórico de vida, que é relatado pelos indivíduos, trechos dos diálogos entre pesquisador e participantes, elementos de como a comunicação acontece entre o casal, de como os afetos são demonstrados, de como eles ouvem, percebem e sentem aquilo que o outro está narrando. Expressões verbais, posturais, emocionais, gestuais, utilizados em seu conjunto como base para a construção de indicadores.

Os registros são parte constitutivos de pensamentos e interpretações que têm a Teoria da Subjetividade como fundamento, aspectos que de alguma forma possibilitam fazer elaborações importantes para a construção de um modelo teórico para o caso em questão. Ou seja, indicadores de naturezas diferentes podem ser produzidos em instrumentos diferentes capazes de acompanhar uma hipótese teórica.

Os instrumentos empregados na presente pesquisa foram: sistemas conversacionais, complemento de frases como "o que me faz feliz e infeliz no casamento, "eu desejo" e dinâmica com almofadas.

3.5.1 Sistemas conversacionais

O processo de comunicação é uma via significativa de produção de informação. Os conteúdos da conversação vão abarcando de maneira gradativa os aspectos emocionais das histórias vividas. Ela se estabelece pelo envolvimento dos participantes e do pesquisador no processo, o que pode facilitar a expressão sobre temas que são consideráveis para essas pessoas e permitir a emergência de sentidos subjetivos, a partir das tensões que surgem no decorrer do processo de comunicação. O sistema conversacional possibilita o diálogo, ou seja,

o engajamento emocional dos participantes, onde o pesquisador move-se do lugar das perguntas para integrar-se na dinâmica de conversação.

Por conseguinte, o diálogo só é possível se nos interessarmos pelo outro, reconhecendo a singularidade da maneira como cada pessoa sente as experiências vividas. Ele viabiliza estabelecer uma relação marcada pela autenticidade, que favorece o entendimento da forma como cada um subjetiva diferentes processos de sua vida. O psicoterapeuta fundamenta suas estratégias através do conhecimento que ele mesmo produz, no decorrer do sistema conversacional (Mori e Goulart, 2019).

3.5.2 Complemento de frases

É um instrumento constituído por uma quantidade de frases inacabadas, elaboradas pelo próprio pesquisador de acordo com a necessidade e demanda da pesquisa, devendo ser preenchido pelos participantes. As frases são geradoras de informações que podem referir-se à atividades, à experiências ou à pessoas sobre as quais os indivíduos declaram e pronunciam-se de forma relevante e intencional (González Rey, 2005).

O complemento de frases é mais uma ferramenta que permite um novo canal de expressão para a produção de informações, a escrita, podendo evocar emoções e reflexões diferentes. As hipóteses provenientes dessa ferramenta participam da construção do modelo teórico da pesquisa por meio de informações originárias desse e de outros instrumentos, escritos ou não.

Descrevo abaixo alguns instrumentos escritos e não-escritos utilizados ao longo do trabalho, conforme a necessidade da pesquisa.

3.5.3 "O que me faz feliz e infeliz no casamento"

Em uma folha branca, entregue para cada participante, é pedido para que escrevam, separadamente e em silêncio, quantas frases considerem importantes sobre o que os fazem felizes e infelizes no casamento. Após concluído é solicitado que cada um diga uma frase de cada vez olhando no olho do outro, podendo explicar ou perguntar algo a respeito do que escreveram, dando lugar a uma ou mais sessões de conversação a partir dos desdobramentos das frases. Através dos registros das respostas, em que os indivíduos experimentaram uma nova via de reflexão e expressão.

3.5.4 "Eu desejo"

Este instrumento consiste em que os participantes reflitam sobre si, comunicando ao outro aspectos importantes sobre seus desejos, planos, sonhos, gostos, esperanças, etc. Tal atividade possibilita observar o nível de intimidade, conhecimento, comunicação e compatibilidade de objetivos. E, sobretudo, levantar mais indicadores relacionados à produção de sentidos subjetivos diversos organizados em suas configurações subjetivas individuais, observando como tudo isso se atrela a configuração subjetiva do casal. Compreendendo que os sentidos subjetivos não aparecem no dizer mas, na organização e nas formas em que as coisas são ditas, na construção feita pelo pesquisador através das diversas expressões das pessoas.

Em duas folhas, entregue uma para cada, encontram-se escritas seis vezes a frase "eu desejo" a fim de que eles completem da maneira que avaliam importante. Após concluído, sentados um de frente para o outro, discorrem e dialogam sobre suas frases, alternadamente.

3.5.5 Dinâmica com almofadas

É pedido para que cada um, separadamente, represente por meio de almofadas de cores diferentes, a forma como visualizam o casamento. Após escolherem e colocarem as almofadas no chão, conversamos sobre o significado de cada uma delas.

Instrumento criado pela pesquisadora, no decurso da pesquisa. Baseia-se em um tipo de indutor indireto de informações, tendo por finalidade mobilizar, nos indivíduos da relação, processos subjetivos da configuração subjetiva do casamento. Tal atividade possibilita observar como cada cônjuge subjetiva a relação conjugal durante o processo de pesquisa.

4. ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

Esta maneira de trabalhar considera todo o desenvolvimento da pesquisa, em seus diferentes momentos, como processo significativo de construção da informação. O engajamento afetivo, a franqueza, autenticidade e o ato de refletir representam a qualidade das informações que interessam neste tipo de pesquisa. As informações relevantes para o problema estudado não surgem diretamente das respostas escritas ou da fala dos participantes mas, sim, pela produção dos significados que o pesquisador vai construindo através dos indicadores que surgem, das mais diversas expressões das pessoas e assim, as hipóteses ganham força.

“Os sentidos subjetivos estão sempre além da consciência e da representação das pessoas que falam, sendo o único caminho para a produção de conhecimento sobre eles as construções do pesquisador” (González Rey, 2011, p. 52). Portanto, o processo de construção da informação não teve como base, nenhuma definição a priori sobre o caso estudado mas, se orientou de forma aberta e adaptável de acordo com os desdobramentos implicados na pesquisa, a respeito de uma lógica não linear e nem pré-determinada.

Os indicadores construídos pelo pesquisador, conduzem à elaboração de hipóteses que convergem mediante um modelo teórico em construção e favorecem inteligibilidade a respeito do problema da pesquisa (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Assim, a construção do modelo teórico, em desenvolvimento, é capaz de originar uma multiplicidade de inteligibilidades sobre o problema estudado, fazendo-nos perceber as configurações subjetivas que evidenciam a subjetividade social sobre aspectos hegemônicos de nossa sociedade, que aparecem através de diferentes sentidos subjetivos em cada configuração subjetiva individual.

A pesquisa revela, portanto, a impossibilidade de se falar de um padrão psicológico ou de uma representação geral de casamento. Os processos subjetivos ganham significado ao longo das múltiplas vivências dos indivíduos em seus contextos, não admitindo conclusões fora de uma intrincada e complexa rede de configurações subjetivas que fazem parte da

experiência única de cada pessoa envolvida na pesquisa. “A processualidade da produção de indicadores, hipóteses e modelo teórico não se conforma pela reprodução ou aplicação da teoria, mas pelo aprofundamento nos fundamentos da Teoria da Subjetividade no sentido de significar os diversos fenômenos para além da evidência direta” (Mori, 2019, p. 204).

4.1 Caso Maria e João

Conforme descrito na metodologia do trabalho, à respeito dos participantes, Maria iniciou a psicoterapia individual nove meses antes do início da psicoterapia de casal. Esse motivo me levou a separar, inicialmente, a construção de informação de cada participante. E, também, apresentar mais informações sobre os processos subjetivos de Maria.

4.1.1 Características gerais de Maria

Maria, trinta e cinco anos, procurou a psicoterapia em fevereiro do ano de dois mil e dezoito, a fim de realizar um acompanhamento individual. É formada em Direito, sempre trabalhou em sua área de formação como advogada mas, seu sonho era cursar Psicologia, sonho negado e impedido pelo avô materno. Casada há seis anos e não tem filhos.

Os pais de Maria se separaram quando tinha cinco anos e seu irmão alguns anos mais novo. Quando Maria completou dez anos seu pai faleceu de infarto e, a partir daí passaram a morar na casa dos avós maternos, casados até hoje. Na infância, Maria e seu irmão, sofreram um acidente de carro, junto com a mãe e, nesse momento, apesar de não terem recebido nenhum diagnóstico a respeito de supostas sequelas, os médicos disseram à toda família que a mãe de Maria necessitaria de cuidados especiais, sempre sendo assistida e acompanhada por alguém.

Sua expectativa inicial, no processo psicoterapêutico, era trabalhar características que considerava como prejudiciais para si e para suas relações como: ciúme excessivo, sentimento de posse sobre o outro, dificuldade de sustentar suas relações com amigos, dificuldade em dizer não e colocar limites importantes, principalmente, na relação com sua mãe. Também se queixava de estar acima do peso mas, de não ter vontade e ânimo de cuidar de sua saúde, seja através de alguma atividade física regular ou uma reeducação alimentar. Importante ressaltar

que, nos primeiros encontros, apesar de muitos sentimentos de angústia, insatisfação e mal estar, Maria sempre dizia não acreditar na sua mudança.

Pesq: O que lhe fez procurar a psicoterapia?

M: Sempre fui taxada de "Maria a louca". Muito ciumenta e possessiva com amigos, marido e família, não consigo manter minhas relações por paranóia, muitas vezes. Me acho impaciente, nervosa e não sei viver sob pressão quando me cobram algo, aí que não faço mesmo, por birra.

Nesse primeiro trecho de informação, temos indicador da pouca reflexão crítica que Maria tem sobre seu comportamento em relação ao outro, o modo como se reconhece ciumenta e possessiva nos relacionamentos. Sua maneira adjetivada de narrar as experiências e sua ênfase sobre alguns aspectos a respeito de si, me desperta, como pesquisadora, a construir de forma ativa outros indicadores.

Pesq: Maria, me conte um pouco sobre o que lembra de sua infância.

M: Muitas brigas na relação dos meus pais, uma relação bastante conflituosa. Mas, sentia falta da presença dele, da liberdade que me dava. Minha mãe não era tão presente e também era muito "doidinha", não conseguia cuidar direito da gente, não me ajudava muito nas tarefas da escola. Eu e minha mãe somos muito ligadas, desde o acidente passei a cuidar dela. E meu avô sempre foi excessivamente controlador e autoritário com minha avó, minha mãe e todos nós. Até hoje, minha mãe não pode ir ao mercado sozinha, tem que pedir permissão a ele. Antes do acidente as coisas já funcionavam assim. E hoje, mesmo depois de casada, me sinto na obrigação de cuidar dela, não consigo dizer não.

Pesq: O que mais te marcou na sua relação com seu avô?

M: Além de privar minha mãe, sempre me privou muito. Não podia sair de casa, encontrar as amigas, ir às festinhas ou levá-las para minha casa, era rígido e controlador. (Silêncio) A comida é minha única fonte de prazer. Só penso no presente, não tenho projetos.

Notamos acima, indicadores da produção de sentidos subjetivos de Maria relacionados a sua mãe e seu avô. A mãe, aparentemente, uma senhora sem recursos subjetivos, infantilizada e vítima de seu contexto de vida, nunca conseguiu se posicionar ativamente diante de seu pai. O avô encontra-se numa posição de superioridade e autoritarismo em relação às mulheres, que ficaram subjugadas a sua vontade e aos seus comandos, não favorecendo a elas um desenvolvimento saudável no processo de viver a vida. Maria, por exemplo, desde sua infância, nunca esteve autorizada a ter prazer, sempre voltada para os cuidados com o outro e não para suas realizações pessoais. Estar em eventos sociais com as amigas ou na casa delas e, quando mais velha, cursar Psicologia, foram desejos sempre refutados pelo avô.

A forma como Maria sente o controle e autoritarismo do avô revela-se sobremaneira. Nas frases acima aparecem indicadores de um caráter passivo diante de sua própria vida, não saber colocar limites na relação com a mãe e não conseguir enfrentar o avô demonstram a falta de recursos para abrir novas possibilidades.

É pertinente pensarmos, também, em indicadores sobre a produção subjetiva do masculino na história de Maria, como uma figura forte e de autoridade. Não sendo a responsável a priori pelo seu comportamento mas, que se organizaram pelos sentidos subjetivos que emergiram no decurso das situações vividas. Um pai que tinha muitos conflitos com a mãe que Maria percebia como uma relação difícil mas, ao mesmo tempo, julgava que esta relação lhe proporcionava uma liberdade, que até hoje sente falta. Por outro lado, um avô arbitrário, que exercia fortemente sua vontade. Uma contradição vigorosa onde encontramos suspeitas, na narrativa de Maria, sobre manifestações de desequilíbrio pois, ao mesmo tempo em que ela se submete aos critérios do outro também se coloca como papel fundamental em suas relações. Possivelmente, perder o controle para Maria é ficar perdida em sua própria vida, não saber como agir nas decisões que precisam ser tomadas.

O complemento de frases, em suas sessões individuais, aparecem como informações que aprofundam os indicadores que vamos construindo nesta análise. Maria escreve:

Meu maior medo morrer e deixar as pessoas que dependem de mim sem apoio.

Sofro por ver os outros sofrendo.

Meu futuro é incerto.

Algumas vezes penso que seria melhor ter nascido outra pessoa.

Percebemos que, sentidos subjetivos que se organizam de forma contraditória, como cuidado e o controle vão tomando conta de sua vida em outros âmbitos sociais. O maior medo de Maria é deixar as pessoas que dependem dela sem apoio, ou seja, ela vive pelo outro, não se reconhece e não consegue se envolver como sujeito em relação ao seus processos de vida, que passam a não ter sentido. Nada do que faz para si gera satisfação, sofre por ver os outros sofrendo e, talvez, por isso há uma dificuldade enorme em dar início ou concluir atividades para benefício próprio como, por exemplo, fazer uma dieta, uma atividade física, ler um livro, estar com as amigas, ter momentos de lazer.

O esquecimento de si e a dedicação ao cuidar do outro passam a ser marcas registradas de seu comportamento. Maria e as outras mulheres da família foram ensinadas a sacrificar suas próprias necessidades a fim de suprir as dos outros, impedindo a construção de um

caminho autoral. Provavelmente, como dito por ela, a comida seja sua única fonte de satisfação, oferecendo uma sensação fisiológica de saciedade e prazer.

Após algumas sessões, um outro complemento de frases foi realizado, "eu desejo". Nesse conjunto de frases chama a atenção o desejo racional de Maria de agir diferente, que revela uma possível mobilização de novas produções subjetivas.

Eu desejo cursar Psicologia
Eu desejo me conhecer mais
Eu desejo ser menos estressada e ansiosa
Eu desejo saber lidar com as pessoas

Nesse trecho, Maria expressa a vontade de mudar, se conhecer mais, saber lidar com as pessoas. Reflexões importantes trazem o reconhecimento de comportamentos geradores de mal estar mas, não significam que haverá mudança porque traduzir isso em uma nova forma de ação é bastante difícil e um passo importante. A mudança dos processos subjetivos não ocorre de forma racional, ainda que sua intencionalidade seja de extrema relevância. Evidenciamos que Maria tem conseguido entender de modo lógico seu processo de vida, a forma como foi criada, a dinâmica de sua família de origem, o controle excessivo do avô, principalmente, sobre as mulheres, ou seja, o que pode principiar um caminho gerador de novas produções subjetivas. O avô só não conseguiu controlar o irmão de Maria que, começou a trabalhar cedo e saiu de casa para morar sozinho.

Temos indicadores dos processos da subjetividade social do modelo de família patriarcal, mulheres que permaneceram assujeitadas ao autoritarismo do masculino, ainda que essa subjetividade, no dia a dia, não tenha relação direta com o modo como os indivíduos sentem suas vivências. Mulher e casamento são termos que sempre estiveram interligados e, muitas vezes, ao longo da história foram confundidos. O socialmente vivido pelo avô de Maria encontra seu caráter subjetivo nas configurações subjetivas das experiências atuais, no determinismo de uma separação rígida de papéis e de trabalho entre os sexos. O patriarcalismo, aspecto ainda hegemônico da subjetividade social, aprisiona homens e mulheres em funções que não podem ser vistas como parte da natureza humana mas, sim, como produtos de processos e interesses históricos, econômicos e culturais.

Dessa forma, cada membro de uma família, em suas relações, vive suas experiências sociais de modo único e são os sentidos subjetivos gerados no decurso de tais experiências que propiciam a trajetória singular dos indivíduos nelas (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Vemos que os sentidos subjetivos gerados pelo irmão de Maria, no decurso das

experiências vividas pela família, têm a ver com o modo que ele viveu sua condição social em outras experiências. Seu comportamento expressa um indicador de que ele se prepara para a abertura de um caminho próprio, diferente das mulheres da família.

4.1.2 Características gerais de João

João, trinta e sete anos, trabalha em uma companhia aérea. Seus pais, do interior, são separados desde sua infância. João nunca teve muito contato com o pai. Foi filho único por parte de mãe, durante quinze anos, até que nasceu um irmão. Há outro irmão por parte de pai, nove anos mais novo, os quais não tem convívio. Criado por sua mãe, uma mulher batalhadora, protetora, que precisou ausentar-se bastante de casa, dia e noite, a fim de proporcionar o melhor para seu filho. João não tem nível superior completo, deu início ao curso de Administração mas, não concluiu e em seguida começou Propaganda e Marketing, o qual também abandonou.

Pesq: João, me fale um pouco sobre você.

J: Acho que pulei muitas etapas da vida e abri mão de muitas coisas importantes para mim. Nunca consegui expressar minha opinião com minha mãe, na verdade, eu sempre concordava com ela para que não houvesse briga. Ela nunca acreditou nos meus sonhos.

Pesq: Que etapas foram essas que pulou?

J: Nunca tive uma vida normal no período escolar. Entrei na escola com sete anos e aos nove anos já ia a pé para a escola, sem a supervisão de nenhum adulto. Minha mãe vivia cem por cento para o trabalho e eu não tinha contato algum com meu pai. Ficava perdido nas aulas, sem acompanhamento e orientação de estudo. Na sétima série parei de estudar e fiquei um ano ocioso. Após isso, entrei no supletivo para terminar o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Pesq: Por que diz que sua mãe não acreditava em seus sonhos?

J: Sempre sonhei em ser piloto de avião. Lembro da minha infância que ficava desenhando aviões no chão do quarto, sem ter o apoio dela. Hoje, trabalho no aeroporto, é muito ruim ver passando ao meu lado todos os dias o meu sonho, vejo os pilotos e os comissários e era lá o lugar que gostaria de estar. E, também, sempre tive dificuldades em estabelecer relacionamentos porque sempre fui muito tímido.

Interessante que João, nas primeiras sessões de casal, chegava com uma grande necessidade de falar e compartilhar a respeito de si mesmo. Podemos pensar, sobre alguns indicadores a respeito do significado disso no processo de vida de João e, conseqüentemente, no processo de sua relação conjugal. A necessidade de falar de si, sua criação, sua relação com a mãe, seus sonhos, surgia ao longo de todas as sessões.

À medida que João relatava sobre sua história, foram mobilizados sentidos subjetivos do quão sozinho se sentia na infância e adolescência, o qual percebia uma mãe bastante

ausente que, por necessidade, se dedicava em tempo integral para o trabalho. Já, nos momentos em que estavam juntos, surgia uma mãe que parecia não aceitar a opinião do outro, que impossibilitava João de manifestar sua opinião e vontade própria, sentindo-se desamparado e sem apoio.

Moravam no interior, com condições bastante precárias, indicador da configuração da subjetividade social brasileira, à pobreza, à precariedade, instabilidade e insuficiência de recursos humanos para obtenção de uma melhor qualidade de vida. O modo pelo qual João viveu e sentiu sua condição social foi singular. Falaremos sobre os desdobramentos disso mais adiante.

Os trechos de informação de João são indicadores expressados por meio de sentidos subjetivos de solidão e sentimento de desamparo produzidos por ele, tornando-o preso ao passado e conduzindo-o a um caráter passivo diante de seu cenário de vida atual, submetendo-se e conformando-se com a vida que leva. Em princípio, observamos a incapacidade de João para tomar decisões que lhe permitam interromper esse processo.

4.1.3 Iniciando as sessões de casal: analisando e construindo informações

Em setembro do mesmo ano, após oito meses de psicoterapia individual com Maria e algumas sessões realizadas com os dois juntos, ao final de um encontro Maria me pergunta:

M: Helena, será que poderíamos iniciar a psicoterapia de casal, eu e João? As sessões que fizemos juntos foram boas e acredito que seria bom para nós.

Na mesma semana, numa discussão de grupo, que fazia com minha orientadora e outros alunos me fizeram refletir, como psicoterapeuta, se Maria não estaria tentando me controlar e seduzir, já que esse movimento dentro de sua organização de vida é tão natural e está para além de sua narrativa e de suas atitudes conscientes. Até esse momento não havia pensado a respeito disso mas, fez bastante sentido quando olhamos para a configuração subjetiva dominante de Maria, a sua família de origem. Possivelmente, como bem disse minha orientadora esse era meu ponto cego que me levaria a um caminho diferente. Ter clareza disso, me auxiliou a abrir caminhos no diálogo com o casal, me deixando mais atenta e reflexiva, a fim de não me tornar "aliada" de Maria.

Decidimos iniciar a psicoterapia de casal. A sessão começa com João narrando sua rotina.

J: Estou feliz. Em agosto desse ano voltei a cursar a faculdade de nutrição, em dois mil e dezesseis precisei parar por questões financeiras. Frequento a faculdade pela manhã e trabalho das dezesseis horas às vinte e duas horas. Desde que recomecei estou vivendo um processo de metamorfose, muitas mudanças e sem querer gerei um pânico em Maria e não queria isso.

Pesq: O que seria esse processo de metamorfose?

J: Preciso criar uma identidade, não posso ser apagado. Acho que quis criar uma mudança de vida muito rápida e Maria é insegura. Sei que estou fazendo muitas coisas ao mesmo tempo, minha postura mudou, isso está mexendo com ela mas, não podemos continuar como somos. Maria teve um avô controlador e eu entendo tudo o que ela viveu, sua história, entendo o jeito dela e não a culpo.

Na elaboração do trecho acima, há um indicador da vontade dele de mudar, o qual verbaliza isso durante a sessão, de diversas maneiras, inclusive quando diz que “não pode ser apagado”. João está admitindo que ficou refém de uma situação, indicando o reconhecimento de que algo o dominava. Em contrapartida, se sente mal quando percebe que Maria fica mobilizada, tornando-se notória a relação de dependência entre eles. Algumas vezes, durante a sessão, ele diz que a ama e que ele não se vê sem ela. De alguma forma, Maria exerceu um papel importante em sua vida, fazendo um movimento que João sempre esperou de sua mãe. Ela mostrou a ele um caminho diferente orientando, ajudando, aconselhando, ainda que, a base de tudo isso, fosse o controle. Fez com que João se sentisse vivo, importante e especial.

O mesmo movimento que Maria faz com João se estende para os outros âmbitos sociais. Suas amigas, por exemplo, sempre a procuram quando precisam de um conselho, uma orientação ou uma ajuda. Maria também cuida de sua mãe, dizendo a ela o que deve ou não fazer, o que é certo e o que é errado, deixando evidente uma outra relação de dependência. Ou seja, ela procura exercer esse controle nas outras áreas da vida.

Pesq: João, consegue dar exemplos desses momentos em que Maria é controladora?

Nesse instante, João pensou e relatou uma situação recente ocorrida em seu trabalho. Enquanto falava Maria olhava e ouvia atentamente sua história. A elaboração minuciosa e extensa do conteúdo relatado sobre sua vivência é um indicador do nível, em que o controle de Maria lhe afeta e das consequências para a relação conjugal.

J: No meu trabalho, rigorosamente, os funcionários são liberados às vinte e duas horas, independente se a equipe do turno seguinte já estiver ou não. Nunca é dado aos funcionários trabalho extra. Mas, houve uma situação em que meu chefe pediu, já quase vinte e duas horas, que eu ficasse mais tempo, por causa de um imprevisto, me desesperei. Muitas coisas se passaram em minha mente, fiquei agitado e confuso. Naquele instante, não tinha muita consciência e clareza do motivo de minha agonia. Minha emoção tomou conta e resolvi dizer ao coordenador que não ficaria. Quando estava a caminho de casa percebi o risco das graves consequências que corri.

Pesq: João, você conseguiu pensar depois sobre os motivos de sua agonia?

J: Sim. (Silêncio) Penso que foi saber que Maria estaria esperando minha mensagem, pontualmente às vinte e duas horas, como de costume. Todos os dias nós precisamos trocar mensagens em horários específicos como, ao sair de casa para trabalhar, no instante em que chegamos ao trabalho e assim que acaba o expediente. Quando isso não acontece Maria fica excessivamente preocupada e ansiosa. Quando consigo entrar em contato ela já está bastante nervosa, sendo motivo para um conflito.

Pesq: Maria, como é para você ouvir o que seu marido está relatando?

M: Eu sei que exagero. É um controle excessivo, fora do normal que está me fazendo mal também, hoje tenho consciência. Não é legal, é difícil não controlar porque fui criada assim. E, também, João era mais passivo antes, ele aceitava mais meu jeito (a voz embargou).

No diálogo acima, apesar de Maria ter consciência de suas ações, o que é bastante significativo, a forma como ela configura sua relação com João é uma maneira de subordiná-lo aos seus critérios de vida. Vemos, em sua narrativa, uma enorme contradição pois, apesar de reconhecer a nocividade de suas ações, há uma grande dificuldade em aceitar a mudança de João, o qual tenta justificar a forma de Maria agir pela história de vida dela mas, ainda que o faça ele não se posiciona, apenas a justifica com cautela.

João, ao reconhecer as inseguranças de Maria, expressa sua dificuldade em se posicionar e reproduz na sua relação conjugal sua própria história de vida. Percebemos como a configuração subjetiva da família de origem tem sentidos subjetivos que estão atrelados à configuração atual do casamento. O medo de João de desagradar e gerar pânico é indicador da dificuldade para gerar posicionamentos novos em sua rotina.

Maria traz em sua fala uma questão fundamental da existência humana. Frequentemente, pensamos que a causa de nossas infelicidades são as circunstâncias ruins que enfrentamos, no momento atual de nossas vidas. Sem compreendermos que, tais circunstâncias decorrem de uma configuração subjetiva, sem a mudança necessária para a modificação da organização, possivelmente gerando novos problemas, numa cadeia sem fim. Até aqui, vemos o início da tomada de consciência de que os conflitos e problemas conjugais são apenas a expressão de algo mais complexo, pertencente ao próprio mundo afetivo.

Quando João começa a falar de seu processo de metamorfose e o pânico que isso provoca em Maria, percebo que está abrindo um espaço de desenvolvimento diferenciado no contexto de sua relação com ela. Em alguma medida, João tem aparecido como agente, aquele que tem pensado, refletido e se posicionado no casamento, distintamente do usual. Ainda que, essa posição consciente e ativa desapareça em outros momentos, não significa que a mudança não esteja ocorrendo. Esse processo tem altos e baixos, é contraditório e não linear.

Avançando nessa reflexão, temos indicadores que nos possibilitam iniciar a construção de algumas hipóteses. São interessantes os sentidos subjetivos que emergem em Maria ao perceber as ações de João, como uma insegurança grande, que gera um descontrole por sua incapacidade de controlar comportamentos que lhe causam danos, processo recorrente em sua vida. Pensamos no pânico como sendo uma forma de controle sobre o outro, mantendo-o perto sob seu domínio já que, ela encontra-se em pânico, desesperada, fragilizada e vulnerável. Talvez, numa tentativa de mostrar a ele tudo o que sente. Esse movimento não é racional e intencional, são processos inconscientes que estão para além daquilo que Maria consegue enxergar.

É notório, na narrativa de João, a vontade de abrir um espaço diferenciado. Observamos a contradição dos próprios sentidos subjetivos que emergem nessa fase de mudança. João diz que recomeçou a faculdade, algo importante em sua vida mas, sente-se mal por ter gerado pânico em Maria. Um grande paradoxo: João deseja seguir seus sonhos mas, tem medo de desagradar sua esposa, tornando-se difícil assumir um novo posicionamento nesse momento.

O desejo de João por abrir um caminho diferente, não somente gera pânico em Maria como liberta-o do seu passado, rompendo com tudo aquilo que viveu com sua mãe. Uma mãe ausente, que nunca acreditou em seus sonhos, não confiou em sua capacidade e não o incentivou a ir em busca daquilo que era importante para si. Vemos que os sentidos subjetivos que emergiram em sua infância e adolescência, estão bem presentes hoje, em outro contexto, numa outra configuração subjetiva.

Pensamos, assim, na existência de uma configuração subjetiva dominante em sua vida, sua relação com sua mãe. Sentidos subjetivos emergiram dessa configuração que novamente aparecem em seu relacionamento. Importante pensar sobre o que fez João se casar com Maria, o qual diz ser muito parecida com sua mãe. O que o mobilizou para que fizesse essa escolha senão os sentidos subjetivos presentes em sua vida atual? Pois, esses serão sempre a relação do histórico com o atual.

A configuração subjetiva do casamento é marcada pelo controle. Assim, sentidos subjetivos de medo, frustração e conformismo passam a fazer parte de processos da subjetividade individual, tensionando outros diferentes processos sem que eles tenham consciência. O que dificulta a abertura de caminhos individuais.

Pesq: João, você disse que voltou a cursar nutrição mas, que seu sonho sempre foi ser piloto, é isso mesmo?

J: Sim. É porque ser piloto seria mais difícil e se eu voar vou me distanciar de casa, sei que Maria não quer isso.

M: Ele vive nesse conflito. Já falei que ele tem que procurar um psicólogo para conseguir trabalhar essas coisas do passado.

Nesse instante, Maria mudou de assunto e a sessão já estava no fim. Pedi para que pensassem sobre o que conversaram, suas histórias, a criação de cada um e a qualidade dos relacionamentos com seus respectivos pais e irmãos. Durante toda a sessão, os dois se mantiveram atentos ao que o outro dizia, não houve interrupções ou alteração de voz. Sentaram-se bem perto, João fazia carinho no cabelo de Maria e enquanto falava, Maria olhava para seu rosto e o ouvia atentamente. Ao final, eles mesmos se propuseram a minimizar as cobranças do envio rigoroso das mensagens.

Há muitos elementos a respeito da configuração subjetiva desse casamento, organizada a partir do controle que Maria exerce sobre João. Embora ele se sinta incomodado com o cenário atual e tente um processo de mudança notamos, numa contradição, que ainda está submetido ao controle quando afirma o desejo de ser piloto, o qual Maria não aceitaria. A relação que eles estabelecem está marcada pelo medo e a dificuldade em exercer um posicionamento ativo e frontal. Processos que impedem João de abrir uma alternativa na configuração subjetiva do casamento.

Na situação ocorrida, já relatada por João em seu ambiente de trabalho, evidencia sua incapacidade de pensar em alternativas. Conversar com o chefe para entender o motivo de ter que ficar mais tempo no trabalho ou, após chegar em casa dialogar com Maria com firmeza e maturidade sobre o imprevisto. Temos indicadores que permitem a compreensão de como essa configuração subjetiva está organizada, possibilitando a construção de hipóteses mais consistentes: a relação de dominação, infantilização do outro e incapacidade de abertura de novos caminhos.

Na sessão seguinte, continuamos com as reflexões do encontro anterior:

J: Essa semana Maria se acalmou em relação ao controle, trocamos mensagens mas, não foi excessivo.

M: Não sabíamos conversar, nossas brigas eram ruins e João quebrava as coisas em casa. Sei que o provocava com meu controle e ficava brava. Nossa comunicação está muito melhor. Às vezes, os ânimos se alteram, ficamos tensos mas, estamos mais tranquilos.

De repente, João mudou de assunto e voltou a falar de seus sonhos. **J.** diz:

... Estava me lembrando esses dias que minha vida sempre girou em torno da aviação. Desde os meus onze anos fazia muitos desenhos de aviões no chão da casa. Sempre teve muita importância para mim.

Pesq: Parece que você gostaria muito de viver esse sonho. Como adulto, o que te impede?

J: Acho que Maria não gostaria que eu ficasse cinco dias voando e dois dias dentro de casa, ela tem medo. Apesar de que, desde o início do relacionamento, ela já sabia dessa vontade. O que me segura é ela, senão eu já teria feito.

M: (Exaltada) Realmente não dará certo, muito difícil! Sei que Nutrição não é o que ele quer, não é uma coisa que está bem resolvida. Vamos ver, é um tiro no escuro. Não posso mandar na vida dele, no que deseja fazer, em suas escolhas. Sei que afetará a minha vida de forma direta, não garanto que tudo ficará bem.

Maria, nesse instante, relatou sobre sua maneira de encarar a vida. A forma como aprendeu a lidar com as frustrações, de todos os “nãos” que ouvia do avô e tinha que aceitar e se conformar. Então, se desse para ela fazer as coisas que gostaria “tudo bem” mas, se não desse, “tudo bem também”. Não realizar um sonho ou uma vontade fazia parte de uma normalidade em seu contexto familiar. Maria naturalizou um processo de conformismo e impossibilidades diante da vida.

M: Tinha um sonho de cursar Psicologia mas, ele ficou para trás, teve que ser assim!

J: Essa é sua forma de encarar a vida mas, meu sonho é latente. Ela me segura, se ela falasse “vai” eu já estava lá.

M: (Inquieta e agitada) Se você quiser ir então, vá. E aí, depois, vemos como fica.

Pesq: Como é ouvir isso, João?

J: Já esperava essa resposta. Não sei o que fazer nesse momento da vida. Eu tranquei essa semana a faculdade de nutrição e vou tentar me redirecionar. Gostaria que ela me incentivasse assim como eu faço. Isso me dificulta na tomada de certas decisões. Quando decidimos estar com alguém temos que abrir mão de qualquer coisa, abrir mão de qualquer sentimento seu.

M: Então, porque você não pode abrir mão desse sonho?

J: Porque é muito mais difícil abandonar um sonho do que abrir mão de sentimentos.

M: Essa conversa me deixa ansiosa, irritada. Sei que é o sonho da vida dele e não vou impedi-lo mas, não imagino viver essa vida. É mais forte do que eu.

No trecho acima, percebemos uma ameaça velada. Maria disfarçadamente diz que se seu marido optar por seguir seu sonho ela o abandonaria. Evidenciamos, também, como Maria antecipa alguns desdobramentos e consequências relacionadas ao sonho de João, a fim de

gerar culpa nele. Por exemplo, quando ela fala que seu sonho não daria certo pois, passaria muito tempo fora de casa e o casamento acabaria. Isso é uma forma de dizer que se João não estiver presente em casa, estaria abandonando a família.

Ao mesmo tempo, João complementa Maria em suas ações se posicionando passivamente na relação como alguém que precisa ser cuidado e que necessita de um responsável. Os sentidos subjetivos mobilizados dentro do casamento são históricos, tem a ver com a história de vida de cada um. Por exemplo, João em sua história familiar, nunca teve coragem de enfrentar sua mãe, ficava calado diante das decisões dela para evitar conflitos, mantendo-se subordinado e conformado a um cenário onde, sua mãe não tinha tempo para ele, não dava as orientações, suporte e carinho que gostaria. Provavelmente o pai e a mãe, referências significativas, não ofereceram possibilidades para que ele agisse diferente. Esse caráter passivo mobiliza-o emocionalmente, fazendo com que aja de forma muito semelhante nas situações atuais de seu casamento, como a dificuldade de se posicionar frente sua esposa.

Viver uma situação em que alguém decida algo por ele evoca sentidos subjetivos, que não são conscientes mas que João se reconhece neles. Ele passa a sentir o que sempre quis, se colocando num lugar seguro, ainda que neste lugar existam sentimentos geradores de danos e mal estar. Nesse processo de vivenciar uma situação nova com outra pessoa num outro contexto, o casamento, é que existe a possibilidade de reconhecer que esse mal-estar não seja saudável. Assim, mudando um trajeto de vida, possibilitando a produção de novos sentidos subjetivos atrelados a figuras importantes, como seus pais e, posteriormente, a organização de novas configurações subjetivas.

A naturalização de um processo gerador de mal estar para essa relação conjugal, torna-se evidente. Abandonar sonhos e acomodar-se a isso faz parte da organização de vida de Maria, quando diz que é conformada com os "nãos" que recebeu do avô. Aprendeu a passar por cima de sua vontade e deixar de lado escolhas importantes que lhe proporcionem a abertura de um caminho autoral. Maria precisava se conformar com as regras, planos e sonhos que não eram seus mas, que lhes eram impostos. Essa forma de viver foi naturalizada no decurso da vida. Deixou de ser quem era e até o presente momento, não conseguiu construir outro espaço que lhe redefinisse como pessoa.

Diante dessas vivências e de seu comportamento controlador, Maria sente-se no direito de querer que João deixe de lado o sonho de ser piloto conformando-se com o contexto de vida atual. Uma grande incongruência surge entre sua narrativa e suas ações para com seu marido. Ela se conforma quando dizem que não pode fazer algo para satisfação própria mas, quer que João faça do jeito dela. Identificamos até aqui muitos elementos que convergem para

a elaboração de mais uma hipótese. Seu conformismo e controle se evidenciam pela sua incapacidade de gerar uma nova identidade, que só será possível pela emergência de uma configuração subjetiva que lhe permita sentir-se ela mesma, diante de um conjunto de novas experiências.

Diante de configurações subjetivas individuais distintas, João sente a necessidade de Maria para sua segurança e Maria sente a necessidade de João para se sentir ela mesma. Muito provavelmente, quando Maria começar a refletir criticamente sobre a forma como se vê em relação a João, também não o aceitará como ele é, ou seja, quando pensar a respeito de sua forma de agir segundo seus próprios critérios é possível que não o aceite mais.

Para João, as razões de não ter realizado seus sonhos foram outras. A falta de recursos financeiros, a ausência do apoio da mãe e, principalmente, a falta de recursos subjetivos impediram-lhe de enxergar outros caminhos, lutar e alcançar sonhos pessoais. Vemos no trecho de diálogo acima a dificuldade de João de se ver longe de Maria encontrando nela o papel da mãe que tanto quis e não teve, alguém que fosse autoridade e que o protegesse. Transparecendo assim, um medo de ficar sozinho porque se sentiu abandonado durante muito tempo.

Ressaltamos que João está sempre culpabilizando fatores externos e responsabilizando o outro pela sua falta de posicionamento e enfrentamento, de forma inconsciente ou irracional. Um comportamento passivo e vitimizado ainda forte, uma incapacidade de produzir sentidos subjetivos que lhe permitam mudanças duradouras em seu modo de vida. Por exemplo, quando diz que a mãe nunca deu atenção e orientação que ele precisava, nunca deu bola para seus sonhos ou quando diz que não fará o curso de piloto porque Maria não quer, o qual tem medo de enfrentá-la e do casamento acabar. O medo de viver o novo também interfere, há uma preferência em reproduzir os padrões conhecidos, aquilo que lhe gera segurança, ainda que esteja desconfortável. João não se sente uma pessoa com força o suficiente para trilhar um caminho próprio.

Na sessão seguinte sugeri que fizéssemos a dinâmica: o que me faz feliz e o que me faz infeliz no casamento. Pedi que cada um elencasse pontos que considerassem importantes sobre o casamento. M. escreveu:

- 1) Companheirismo
- 2) Reconhecer o que faço de bom
- 3) Gostar de mim como eu sou
- 4) Se preocupar comigo
- 5) Ser muito menino

- 6) Não pensar, ser imediatista
- 7) Colocar as prioridades dele a frente de tudo

Maria explicitou sobre os itens que a fazem infeliz no casamento. **M.** diz:

... Às vezes, João não prioriza muito as contas necessárias e acaba dando valor às coisas materiais, como comprar roupa de marca etc. Ele é "menino" na forma como lida com as questões materiais e acaba sendo imediatista, não pensando muito nas consequências.

Pesq: Você concorda com Maria, João?

J: Eu não me considero consumista compulsivo, até porque a gente nem tem essa grana toda para gastar mas, eu realmente gosto de comprar algumas coisas e não vejo problema, já melhorei muito. Às vezes não penso nas consequências mas, em relação a coisas que já trouxeram problemas para o casamento, eu penso.

M: Quando escrevi sobre "colocar as prioridades dele à frente de tudo" é porque sou muito controlada nas contas, eu que faço a planilha e tenho medo de faltar dinheiro, então priorizo o que é mais importante. (Respirou e continuou) Ganho um pouco a mais do que ele e combinamos que o dinheiro dele seria todo para pagar as contas e o que sobra do meu é para passarmos o resto do mês. Quando precisa ele pega o dinheiro comigo e assim, calculo e controlo. Mas, sei que exagero na preocupação é como se eu tivesse a obrigação de resolver os problemas.

A elaboração de Maria em suas frases é um indicador que unido aos outros, os das próprias conversações, nos orientam na hipótese de sentidos subjetivos relacionados com seu mundo afetivo mais íntimo, sua criação, sobre os quais se desdobram outros sentidos subjetivos de falta de confiança e controle excessivo sobre si e, especialmente, sobre o outro.

É relevante dizer que, nessa dinâmica, pedi para que escrevessem a respeito do casamento. Porém, olhando para as respostas de Maria vemos que ela está falando dela e dele, individualmente, não fala da relação a dois parece não haver uma visão da díade do casamento, da conjugalidade. Esse é um ponto interessante para refletir como eles se sentem e se posicionam nessa relação, nos levando a considerar que o casamento para Maria, não é uma relação de troca e, sim uma maneira de subordinar João aos seus critérios e a sua forma de pensar o mundo, a obrigação que sente em ter que resolver todas as questões referentes ao casamento, inclusive o financeiro.

Maria se queixa sobre o consumismo de João. Na verdade, o posicionamento dele frente às questões relacionadas ao casamento, é um importante indicador do quanto é infantilizado, sendo tratado como criança em todo momento. Desde a hora que acorda quando Maria prepara seu café, sua roupa de trabalho e ao longo do dia, quando necessita mandar mensagens informando onde está e até nos momentos que precisa do aval dela para decidir seus projetos pessoais. João assumiu esse papel de ser criança, ter alguém que cuide,

administre e se responsabilize por sua vida. É bastante provável que ainda não perceba a dimensão do dano que isso gera a ele.

A configuração subjetiva da família de origem de Maria mobiliza sentidos subjetivos que alimentam a configuração subjetiva de seu casamento. Então, falamos de duas coisas: do histórico e do atual. Não são os mesmos sentidos subjetivos que alimentavam a família de origem que aparecem no casamento, porque Maria não é a mesma pessoa. Mas, a forma como ela se posiciona no momento atual é alimentada por processos subjetivos de uma história de vida, que tomam forma na relação a dois.

Uma contradição interessante, nas frases de Maria, é que ela considera seu marido infantil, impulsivo e nos faz pensar que, talvez, desejasse um homem mais forte, assim como era seu avô. Entretanto, gosta do fato de João estar subordinado a ela, como ela mesma escreveu na dinâmica, não quer que ele mude, quer que ele continue gostando dela do jeito que é. Assim aprendeu a operar na vida, ao mesmo tempo que tem um marido que se submete ao seu controle e que a aceita do seu jeito, ela não admira isso tornando-se incoerente. Por conseguinte, converte-se na pessoa que ocupa o lugar do avô, o que gera um grande paradoxo visto que, a forma como o sexo masculino se configura subjetivamente em sua história não é essa. João, um marido tão diferente de sua referência dominante que é o avô, começa a provocar e tensionar em Maria níveis de elaboração e construção pessoal, muito bons, de sua própria experiência.

Não podemos afirmar a real dimensão do reconhecimento de Maria em repetir o comportamento controlador do avô, ainda que ela verbalize isso de forma racional. É curioso como ela reproduz aquilo que não gosta e o sentido que isso tem diante de sua história. Maria foi vítima de um avô dominador mas, hoje, é ela quem vitimiza o outro. O domínio de seu avô dificultou o aprendizado dela em tomar decisões e abrir seu próprio caminho. Portanto, reproduz essa dimensão do controle de forma natural, por exemplo, quando diz não para o sonho de João e ao mesmo tempo, não sabe como dizer não e colocar limites para outras pessoas significativas em sua vida, como sua mãe e amigas.

Vejamos o que **J.** diz em suas frases:

- 1) Sair com ela no final de semana
- 2) Saber que qualquer decisão exceto comissário ou piloto ela estará ao meu lado
- 3) Cuidar dela
- 4) Criar rotinas cotidianas
- 5) Saber que ela gosta de cuidar de mim
- 6) O relacionamento difícil com minha mãe
- 7) Ela não cuida da saúde

8) Não deixar eu fazer aquilo que me sinto bem

Pesq: Você gostaria de comentar suas frases, João?

J: Sempre fui assim, quando vejo que algo vai me incomodar eu acabo desistindo. Quando dizia que queria ir para a casa dos meus amigos e Maria não gostava, eu cedia para não brigarmos, ficava incomodado dela achar ruim. Sobre o relacionamento de Maria com minha mãe, depois do casamento piorou. Minha mãe tem uma necessidade que as pessoas façam aquilo que ela pede, ela não é fácil. Por exemplo, eu tinha que cortar o cabelo todas as vezes que ela pedia. Isso incomoda Maria, elas são parecidas. Maria não faz questão de interagir com ela, fico infeliz e irritado. Por último, não gosto quando vejo que Maria não cuida da saúde, da alimentação. Ela já melhorou, até animou fazer uma hidroginástica, fiquei feliz.

Nesse momento sugeri que pensassem durante uns minutos, em silêncio, o quanto estavam dispostos a viver uma relação que trouxesse mais bem estar e qualidade de vida, necessitando reflexões, diálogos e mudanças de atitudes. Ou se gostariam de viver dessa forma, reféns da história e das circunstâncias que vivenciaram na infância e adolescência. Apesar de já haver um reconhecimento consciente, ainda há posicionamentos conformistas e infantilizados de uma Maria e de um João lá da infância. As mudanças são difíceis, nos tiram de uma zona de conforto e da segurança em nos reconhecer naquele tipo de ação naturalizada no cotidiano. Mas, não existe transição e mudança que seja confortável e que não gere tensão, ao contrário disso as mudanças são geradoras de conflitos, inquietações e muitas contradições.

Observamos nas respostas de João que, ainda que seja um bom marido, se preocupe com sua esposa, com seus sentimentos, saúde, alimentação, com seu bem estar, ele não tem consciência que a centralidade de Maria é a expressão de algo muito mais complexo e profundo que é o seu próprio mundo afetivo. Ela está subjetivada como central na vida de João, fazendo com que ele abdique de coisas importantes como estar com os amigos gerando um sofrimento para ele mesmo, pois percebe que não está fazendo o que gostaria. Ao mesmo tempo não tem força para construir seu próprio caminho.

É provável que João se sinta sem recursos para fazer escolhas, sinta que deseja coisas que não tem condições de assumir devido a sua história, sua relação com sua mãe sempre muito autoritária, a qual impunha sua vontade sem dar a ele a possibilidade de escolha. Os sentidos subjetivos decorrentes da configuração de seu vínculo com a mãe são responsáveis pelo espaço em que Maria vai ocupando. Sua procura por orientação, aceitação e decisão do outro que não lhe permitem tomar decisões importantes, são encontradas em sua relação conjugal.

Há um abismo entre aquilo que João deseja e suas atitudes. Ainda que haja um complemento nessa relação, a passividade de João e domínio excessivo de Maria, existe também muito sofrimento de ambos e uma dificuldade grande de saírem dessa dinâmica, embora percebam que a forma como está organizada hoje não funcione mais, não gere bem estar e conforto.

A subjetividade individual de João está configurada numa perspectiva de passividade, em que ele se subordina aos critérios do outro para viver uma relação feliz, sem conflito. Isso fala sobre a subjetividade social brasileira, em que as pessoas pouco entram em contato com suas próprias contradições, preferindo ficar submetidas e conformadas com o que lhes é imposto. Negligenciando caminhos importantes a serem tomados a terem que enfrentar ativamente e frontalmente seus limites, suas circunstâncias e o outro.

Há um impacto disso na subjetividade individual onde as representações dominantes do amor romântico, que aceita qualquer coisa, que tudo suporta, que espera, que renuncia, que se submete atrelado a suas histórias de vida, ganha muita força na forma como eles se organizam como casal. Ou seja, a subjetividade social tem desdobramentos para a configuração subjetiva do casamento.

A configuração da subjetividade social do casamento dificulta, muitas vezes, o crescimento individual que impossibilita a abertura de um caminho próprio de subjetivação. Essa subjetividade está marcada por um discurso em que as pessoas precisam ser felizes a qualquer custo e ter o prazer como bem supremo, não podendo contrariar um ao outro, não existindo conflito. A marca de um drama contemporâneo: se existem muitas brigas num relacionamento amoroso, então, ele não está bom. O modo como cada membro da relação vive sua condição social em outras experiências, faz com que, diante de situações do casamento tais indivíduos gerem novos sentidos subjetivos que se configuram em seus posicionamentos na relação.

Na sessão seguinte, João e Maria trazem em suas reflexões mais informações, que orientam-se para a confirmação dos indicadores construídos e das hipóteses levantadas até aqui. O forte núcleo afetivo de ambos fica na origem de todos os processos e comportamentos que hoje caracterizam o sistema de relacionamento do casal. A conversação abaixo surgiu de forma espontânea, sem nenhuma intervenção inicial da pesquisadora:

J: Viver como comissário de bordo seria uma realidade muito difícil, para nós dois, comissário não tem vida em família. Os sonhos tem que andar junto com a realidade e ainda queremos ter filhos. E sinto que Maria tem uma necessidade de me ter por perto.

M: Às vezes parece que ele fala para tentar convencer a ele mesmo ou fala aquilo que eu gostaria de ouvir. Ainda não sinto que é sincero. Acho que ele não consegue enxergar outras possibilidades de profissão ou que não quer outras coisas, né?!

J: Preciso de alguém que me ensine e Maria me ajuda a enxergar muitas coisas. Infelizmente é a realidade. Sei que preciso encontrar uma forma de me dedicar sozinho. Acho que possuo algum desvio de atenção.

As dificuldades referidas por João de estabelecer uma disciplina e dar continuidade aos cursos e atividades que inicia, são anteriores ao seu casamento e estão tão naturalizadas que ele diz, infelizmente, ser essa sua realidade. A configuração de seus relacionamentos, com sua mãe e Maria, passa pela necessidade de orientação, conselhos e ajuda, atribuindo ao outro a responsabilidade por seu desempenho e conquistas. Esse movimento de responsabilizar fatores externos, pelos seus processos de vida é tão forte que chegou a verbalizar que possui algum desvio de atenção.

Apesar das muitas contradições em sua fala, o posicionamento passivo de João que ainda domina é particularmente importante porque coloca o outro no lugar da decisão. João tem interesses e motivações que ainda não se desenvolveram através de configurações subjetivas que possibilitem novas ações, diferentes daquelas envolvidas em suas configurações subjetivas dominantes. De alguma maneira, produzem esperança de um dia conseguir se dedicar e entender as coisas sozinho, como dito por ele e que podem ser fontes de novos sentidos subjetivos que o ajudem no processo psicoterapêutico.

Continuando as reflexões, **J.** diz:

J: O nosso relacionamento pessoal melhorou muito, somos parceiros, conseguimos nos entender e o lado íntimo também.

Pesq: O que tem contribuído para viverem melhor a relação?

M: Sei que meu controle ainda não acabou e João está me ajudando muito nesse processo, é difícil. Depois que comecei a terapia eu consigo ver muitas coisas. Percebo o quanto minha avó foi controlada e perdeu o individual dela totalmente, ao ponto de dizer assim para mim: "eu nunca vou deixar de votar, mesmo velha, por que é a única coisa que faço sozinha".

J: Entendo esse lado do controle dela, de sua preocupação mas, eu recuo ou cedo muito para não bater de frente e meu individual desaparece. Sempre quero vê-la bem, nem que me anule por isso. Criamos uma receita de bolo e não conseguimos sair.

Pesq: Como se sente ouvindo isso, Maria?

M: É verdade o que ele está falando. O que acontece é que essas coisas que ele diz aqui ele não fala em casa para mim e aí como eu posso adivinhar que ele não gosta?

Ser Psicoterapeuta, trabalhar com a dialogicidade é aprender a ter sensibilidade para aquilo que o outro expressa. Percebemos, nos comentários de Maria, o valor do espaço

dialógico facilitado pela pesquisadora, que a possibilitou refletir de forma mais crítica sobre os danos emocionais de sua avó, causados pelo controle excessivo do avô. Conseqüentemente, Maria pensou sobre a importância de se organizar em seu casamento por novas bases, através de acordos e negociações para um reposicionamento que favoreça mais qualidade no modo de vida do casal.

No diálogo acima, a fala de João indica outros sentidos subjetivos associados à importância e à centralidade de Maria em sua vida. É evidente a maneira como ele se justificou sobre tudo o que dizia, na tentativa de não provocar em Maria sentimentos de raiva, chateação e pânico, ao ponto de considerar relevante a alternativa de se anular para evitar conflitos no casamento.

Vivemos submersos numa cultura na qual a culpa, a pressão social, o medo e outros elementos têm dominado de forma opressora os relacionamentos. Nesse processo de preocupação extrema sobre o que o outro pensa a meu respeito, afeta a própria capacidade de sentir emoções de desconforto, tornando-se normal e natural a emergência de tais sentimentos no dia-a-dia. Cada vez mais, em nossa sociedade, não há espaço para opiniões, reflexões e ações diferentes daquelas estipuladas como corretas. Vemos os indivíduos operando e atuando pela culpa, pressão social e medo mas, sem coragem de enfrentar o outro que o critica de forma descuidada e desonrada por motivos diversos que estão atravessados pela sua cultura. Mobilizando, assim, nos parceiros da relação sentidos subjetivos fortes de mal-estar, incômodo, desânimo, entre outros.

Pesq: penso que existe a necessidade de vocês repensarem a “receita de bolo” que criaram, por meio do diálogo e da expressão franca sobre aquilo que sentem e pensam um do outro. O casamento é o espaço social central de suas vidas, que mais tem sido valorizado deixando de cuidar de outras áreas importantes que poderiam sugerir novos caminhos para enxergarem a própria relação. A organização atual do casamento pode fazer com que a relação ganhe força, porém gerando problemas como um desequilíbrio, uma baixa qualidade de vida, pouca saúde individual e muitos conflitos fundamentados em cobranças, pressões e controle. Se, porventura, a relação conjugal se romper, provavelmente não terão nenhum outro pilar para se apoiarem.

Na sessão seguinte, consideramos o trecho de diálogo abaixo:

J: Percebi que meu individual existe mais do que o de Maria. Faço atividade física, tenho amigos que às vezes encontro. Maria precisa sair mais com as amigas, fazer uma atividade física e saber quais são as suas vontades. Mas, nossa relação melhorou muito, tenho conseguido ser mais sincero, falar o que quero.

M: Eu não tenho esse individual. Acabo não tendo com quem sair mas, não me faz falta, gosto de ficar em casa. Nunca pude estabelecer relações de amizades profundas na infância e adolescência, nunca tive liberdade para isso. Acho normal viver assim.

J: Pois é, foi exatamente isso que a Helena falou. Precisamos tentar nos libertar desse passado, não temos que viver reféns da nossa história.

M: Sinto que estou mudando, me esforçando, está no começo. Mas, nossa relação melhorou mesmo. Tenho visto e sentido coisas novas.

Pesq: Maria, você consegue me dar exemplos dessas mudanças que sente?

M: No meu aniversário, dias atrás, foi tão tranquilo. Antigamente se eu convidasse as pessoas e elas dissessem que não poderiam eu acharia uma falta de consideração muito grande, era imperdoável. Esse ano foi diferente, foi ótimo, não foi um sofrimento como antes, eu me senti bem e nem sei explicar como que mudou tanto dentro de mim.

Pesq: Ótimo! Acha que tem tido outras ações ou pensamentos diferentes do usual?

M: (Silêncio) Sim. Marquei com duas colegas de trabalho para sair e acho que será bom. Esse ano estou com a possibilidade de iniciar o curso de psicologia, estou animada. E fomos ao cinema no final de semana assistir uma comédia, foi uma experiência ótima porque é um programa que normalmente não fazemos. Além de estarmos buscando fortalecer mais nossa fé.

Maria nunca foi autorizada a sentir prazer e satisfação. O controle que havia dentro de sua família de origem era tão grande que nunca lhe favoreceu desfrutar de momentos para si, eram sempre obrigações relacionadas aos estudos e trabalho. Salientamos que Maria está há um ano em psicoterapia e nessas novas ações começa a se perceber e se sentir diferente. São evocados sentidos subjetivos associados à esperança de futuras conquistas como realizar um sonho de cursar Psicologia e, também associados a sentimentos de satisfação por praticar atividades geradoras de prazer, como ir ao cinema e sair com as amigas.

As expressões de Maria são indicadores significativos da mobilização e emergência de novos sentidos subjetivos. Seu esforço deliberado a fim de resgatar amizades e recuperar sua capacidade de ação e realização, também demonstram um processo de subjetivação produtor de sentidos subjetivos relacionados ao significado do que suas novas ações produziram para si. Maria mesmo ansiosa e com medo decidiu agir para comemorar seu aniversário, salientando não apenas o que Maria sentiu e, sim, o que ela decidiu fazer com todos os sentimentos que surgiram. Todavia, esse processo de desenvolvimento da subjetividade não é progressivo e nem linear mas, contraditório, demandando a presença e o apoio do pesquisador no processo como recurso para sustentar a mudança.

A busca de ambos por atitudes novas na relação têm gerado novos sentimentos e aberto um espaço para uma perspectiva diferente no processo de viver a vida. Cada novo movimento possibilita uma nova visão, abrindo caminhos alternativos. O posicionamento consciente e ativo marcam uma Maria e um João já diferentes daqueles do início da pesquisa.

Posteriormente, a dinâmica "eu desejo" foi realizada numa sessão. **M.** escreve:

Eu desejo ser mais tolerante

Eu desejo aguentar mais as visitas indesejadas, que causam discussões desnecessárias (minha mãe e minha sogra)

Eu desejo incluir mais amigos na nossa convivência

Eu desejo ter mais disposição para o lazer

Eu desejo deixar as coisas do passado menos presentes na nossa vida

J. escreve:

Eu desejo que você cuide de você

Eu desejo que possamos dialogar sem brigas

Eu desejo que sempre haja sinceridade

Eu desejo fazer a vontade um do outro

Eu desejo cuidar um do outro

Eu desejo sair para novos lugares

Cada caminho que é aberto na psicoterapia é uma possibilidade de avançar na representação do problema. É curioso como a produção de sentidos subjetivos representa um processo infinito que se correlacionam, implicando em novas ações e atitudes nos indivíduos que, mesmo não havendo uma percepção consciente do processo, passam a gerar novos caminhos de vida. Ao serem configurados subjetivamente produzem sentidos subjetivos distintos daqueles que mantinham os indivíduos numa situação de desconforto. Esses novos sentidos favorecem o empenho dos indivíduos na relação conjugal, surgindo em seus relatos na dinâmica acima.

As mudanças do casal significam que rompem com a dinâmica naturalizada da relação e a partir disso vivem um momento diferenciado de subjetivação não apenas na fala mas, numa forma divergente de operar no mundo. O sentir diferente começa a ser traduzido por novos comportamentos de João e Maria. Entretanto, é necessário mais tempo para percebermos se a mudança sustenta-se a longo prazo tornando-os sujeitos de sua própria história.

O conjunto de decisões pessoais que ambos assumem para melhorar a qualidade de vida são inseparáveis do processo de socialização, de uma nova maneira de conviverem com os outros, sejam familiares ou amigos. Ou seja, fazerem parte de novos espaços sociais proporcionam a emergência de sentidos subjetivos singulares, que acompanham o posicionamento ativo do casal.

Muito significativa a colocação de ambos a respeito de suas percepções e mudanças. O processo contínuo de diálogo leva o casal a amadurecer suas ideias, ganhando novas possibilidades a cada encontro para se expressarem por meio delas, favorecendo a emergência da subjetividade no decurso desse processo. Produções subjetivas têm sido geradas na tensão

das novas ações e relações vividas que ganham força e constância e favorecem a abertura de novas configurações subjetivas no sistema do casal.

Uma vez que João e Maria se tornam agentes dos processos sociais da vida conjugal abrem um caminho qualitativamente diferenciado e mostram-se cada vez mais engajados e reflexivos. O espaço dialógico da pesquisa torna-se mais criativo, juntamente com as expressões ativas dos indivíduos. Sugeri uma dinâmica com almofadas e pedi para que cada um representasse por meio delas o casamento. João pegou três almofadas e Maria duas. Eles disseram:

J: A almofada lilás representa nossa fase de transição, uma fase boa e de paz. A vermelha fala do amor que existe entre nós dois e a amarela representa nossa energia.

M: A minha almofada bege diz respeito ao sossego que temos vivido e a vontade de estarmos juntos, apesar dos momentos difíceis. E a verde representa a vontade de ser melhor, de querer construir algo bom.

Pesq: Quero que pensem sobre o lugar que gostariam de chegar como casal e como indivíduos. Há uma importância sobre os diálogos que tem acontecido aqui. O movimento de ambos, a fim de se reposicionar no casamento e na própria vida, tem sido benéfico para a relação.

De acordo com os últimos diálogos e as situações vividas eles avançam na associação desse mal estar e novos sentidos subjetivos emergem. Produções subjetivas parecem permitir o desenvolvimento do casal, um processo que não possui etapas e progressão linear e que ocorre de maneira diferenciada em cada um.

Vejamos a reflexão deles na sessão seguinte:

M: Difícil pensar onde queremos chegar. Foi a primeira vez que parei para pensar nisso. Conversamos sobre a possibilidade de ter filho e precisamos melhorar e amadurecer para poder criá-lo.

J: Complicado pensar a longo prazo. Não me imagino separado de Maria temos que pensar em conjunto. Ela vai começar o curso de Psicologia e sei que preciso me controlar mais financeiramente para realizar meus sonhos.

Pesq: Se conseguissem administrar mais o financeiro em que investiriam?

M: Na compra de um apartamento mas, nunca poupamos. Pareço uma mãe, tenho que ficar controlando. Sei que exagero mas, faço também por precaução e prazer, só não sei medir o limite disso, até onde estou sendo mulher ou mãe. Mas, já tenho conseguido dormir após ele sair para o trabalho, não fico mais esperando por mensagem.

Indicadores construídos a partir do trecho acima e unido a outros já descritos, confirmam a maneira infantilizada de João lidar com os desejos da vida, ainda dependendo das decisões alheias. Talvez espere que Maria o transforme em um homem mais assertivo,

dizendo aquilo que deve ou não fazer, como deve ou não se comportar. Contudo, ele tem realizado reflexões importantes na busca por encontrar seu próprio espaço. Não podemos negar que João tem interesses que produzem esperança e motivação no processo de viver a vida, ainda que não tenham se desenvolvido através de novas configurações subjetivas favorecedoras de ações distintas.

Consideramos, também, a trajetória de Maria até aqui. Quando fazia psicoterapia individual num período de nove meses, não faltava nenhuma sessão. Durante os encontros, Maria trazia reflexões importantes sobre sua história, compreendendo de maneira racional a organização de sua família, sobre o avô controlador e os desdobramentos que isso trouxe para sua vida adulta e seu casamento. Somente quando iniciamos a psicoterapia de casal Maria começou a ser mobilizada com a repercussão disso no casamento, principalmente ao escutar as falas de João sobre o que suas ações provocavam nele. A emocionalidade se tornou cada vez mais presente na relação dialógica e Maria, através de um processo de tensão e incômodo sentiu suas ações de forma diferente, compreendendo alguns efeitos nocivos disso para a relação conjugal.

Como pesquisadora, entendi que inserir novas ações ou modificar atitudes, a fim de um reposicionamento, estava sendo difícil para Maria. Ela já consegue dar passos qualitativamente diferenciados em busca de seu desenvolvimento. Matriculou-se no curso tão sonhado de Psicologia e promoveu um bem estar para a relação sem o monitoramento das mensagens.

Entretanto, no diálogo acima, manifesta-se o desejo de terem filhos que parece não estar configurado em nenhum de seus projetos atuais, como iniciar uma faculdade, fazer cursos ou economizarem para investimento em imóvel. Interesses esses que lhes mobilizam em seu dia a dia. Veremos no próximo trecho conversacional após dois meses do último encontro, como algumas questões se desdobram:

M: Após a última sessão fui ao psiquiatra. Ele me passou um ansiolítico e estou me sentindo melhor, estava resistente e não queria tomar remédio. Nós viajamos e foi ótimo. Há sete anos não viajávamos sozinhos, apenas para ver familiares. Na lua de mel éramos muito diferentes.

Pesq: Consegue me dizer que diferença é essa?

M: Eu era muito mais controladora, não conseguia aproveitar os momentos. A lua de mel não foi uma viagem prazerosa porque tinha que seguir exatamente o roteiro. E dessa vez, fizemos as coisas de forma muito natural, fazíamos o que queríamos na hora que queríamos. Estamos bem melhor como casal, acordamos para tomar café juntos, João sai para trabalhar e não fico mais esperando ele chegar no trabalho, eu durmo. Achei que não conseguiria.

Pesq: Como tem sido isso para você, João?

J: Isso tem me aliviado, não fico mais com aquela preocupação de ter que avisar tudo e não fico ansioso se eu atrasar para mandar mensagem. E comprei uma bicicleta, voltei a fazer coisas que gosto, sensação de liberdade. Acho que o remédio para ela foi só um pontapé inicial porque o esforço tem sido dela mesma.

M: Comecei o curso de Psicologia, minha rotina está puxada. A noite ele espera eu chegar da faculdade para dormirmos. E nos finais de semana ficamos juntos.

J: Eu entrei em pânico alguns dias no almoço quando me vi sozinho. Pensei: está todo mundo trabalhando ou fazendo algo que gosta mas, e eu? O que tenho feito? Daí, conversamos e ela me incentivou a fazer o curso de comissário.

M: Quero ajudá-lo. É engraçado tudo que estou sentindo (risos). Acho que é um processo, às vezes inconsciente e outra consciente, por tudo que tenho refletido aqui. Entrar na faculdade, conhecer pessoas e fazer coisas diferentes tem me ajudado a ver o mundo de outro modo. Até pelo curso que escolhi, percebo que a vida pode ser de outro jeito.

Pesq: Que bom ouvir isso! E sobre a ideia de terem filhos, o que têm pensado?

M: Temos conversado muito. Já fui ao médico e fiz um plano de saúde. Começamos a tentar, queremos dar um passo mais sério na nossa vida. Era algo que eu não queria de modo algum e que, de uns tempos para cá mudei de ideia.

O nível de ansiedade de Maria, apesar de sua resistência, diminuiu bastante após sua decisão de buscar o psiquiatra e iniciar a medicação. Esse é um ponto relevante pois, o conhecimento da configuração subjetiva nos leva a reconhecer como o mundo social é vivido pelas pessoas de maneira única dentro dos seus sistemas de relações, configurado nos discursos e nas representações. Ainda há um preconceito sobre o uso de medicação vigente na subjetividade social de muitos profissionais da psicologia, inclusive da nossa parte como psicoterapeutas, demonizando o uso da mesma e nos colocando como suficientes para melhoria da qualidade de vida. É necessário compreender que o nível de ansiedade mais baixo, pode ser favorecedor de um olhar diferente que, muitas vezes, é impedido por uma emocionalidade carregada de tensão, irritabilidade, tristeza e outros. Possivelmente, o nível diminuído de ansiedade permitiu que Maria inserisse e sustentasse outras práticas em seu cotidiano, construindo ideias e reflexões durante o processo psicoterapêutico.

A produção de sentidos subjetivos configura um processo infinito em que estes, se associam uns aos outros, resultando em diferentes ações e comportamentos dos indivíduos, quase sempre sem ter uma compreensão consciente desse desenvolvimento gradativo. Originando caminhos de vida que, quando configurados subjetivamente, propiciam produções de sentidos subjetivos distintos daqueles que faziam os indivíduos permanecerem numa situação de mal-estar e desconforto.

Parte essencial do posicionamento ativo é a mudança no modo de vida. Além de introduzir a medicação, Maria traz outros exemplos de como a inserção de novas ações são

importantes para si e para a relação conjugal. Tais como, permanecer dormindo após João sair para trabalhar, iniciar a faculdade de Psicologia, conhecer pessoas, viajar sem um planejamento rígido e desfrutar desses contextos sociais de atividades. Essas atitudes, produzem em Maria sentidos subjetivos facilitadores de um processo de auto-controle e socialização. Geradores de bem-estar, sentimentos de realização pessoal e satisfação pelos seus avanços.

Ressaltamos que nem tudo perpassa pela questão do controle. Por exemplo, o café da manhã é o único momento do dia em que podem fazer uma refeição juntos, priorizando um tempo a dois. Nesses momentos é possível que, a vontade de estar na companhia dele fale mais alto do que sua necessidade de controle.

Ao final da sessão, eu os provoquei com a pergunta sobre ter filhos e como psicoterapeuta a decisão deles me intrigou. No momento de tantas mudanças significativas, em que a relação começa a se organizar de maneira distinta do usual e que, ambos, inserem ações qualitativas em suas rotinas surge a decisão de terem filhos. Dificultando a realização de seus ideais, sobretudo profissionais.

A capacidade de reflexão e elaboração das experiências de João parecem produzir alternativas de vida importantes, despertando nele um potencial para realização de um caminho distinto. Maria mostra-se como parte desse processo, incentivando-o a alcançar seu sonho profissional e ao mesmo tempo surge para eles o desejo de terem filhos. Diante da configuração subjetiva dominante do casal, marcada pelo controle, acredito que essa seria mais uma forma não intencional e não consciente de Maria dominar seu relacionamento.

Percebemos a contradição desse processo, uma vez que, a decisão de ter filhos remete a ideia de que Maria e João preferem abrir mão de seus próprios projetos, ou seja, ainda há falta de reflexão crítica de ambos. Pensando na configuração subjetiva individual dominante de Maria, sua família de origem, onde sua mãe até hoje é tutelada pelo avô é compreensível sua dificuldade em construir um novo modelo. E João em seu caráter passivo nem mesmo questionou as possíveis consequências dessa decisão.

Como pesquisadora e curiosa pelo caso, fiz algumas perguntas ao final da sessão:

Pesq: Conseguem visualizar daqui a um ano ou dois como estaria a rotina de vocês com filho, diante dos novos projetos? Ter filho é um grande passo. Quais os desdobramentos desse propósito para a vida de ambos?

Na sessão seguinte, Maria sugere interromper a psicoterapia de casal a fim de que João inicie a psicoterapia individual. Temos uma hipótese elaborada e bem consistente, Maria

configura subjetivamente suas relações na dimensão do controle. Essa configuração não se expressa em recursos subjetivos que lhe permitam controlar suas próprias ações. Isso ocorre nos diversos âmbitos sociais, inclusive no espaço psicoterapêutico, de maneira inconsciente.

É possível que tal reação de Maria seja devido ao mal-estar gerado pela possibilidade de perder o marido para o curso de comissário. Ela não se reconhece naquilo que está fazendo, neste momento não houve reflexão crítica sobre as consequências de sua decisão. Pois, abrir mão da psicoterapia de casal a fim de que João faça a individual é favorecer a ele espaço para mobilização de novos momentos qualitativos em sua vida, reconhecer suas próprias contradições e possibilitar a decisão de viver um caminho autoral. Entretanto, em razão do controle de Maria em mais uma vez tentar seduzir a psicoterapeuta, repetindo a mesma lógica do casamento, aceitar sua sugestão não seria pertinente e favorável para seu desenvolvimento.

Maria reproduz valores machistas, fortemente presentes nas relações e práticas sociais de homens e mulheres em geral, retrato da subjetividade social brasileira e ao mesmo tempo é vítima desses valores. Interessante como as relações de gênero também configuram subjetivamente os casamentos. As próprias mulheres, muitas vezes, reproduzem um modelo patriarcal caracterizado pela influência que exerce na organização social do Brasil, desde a época da colonização até os dias atuais.

Notamos o desejo de algumas mulheres, na atualidade, por ocupar um lugar no mundo de respeitabilidade e poder que, por sua vez, deixam os homens inseguros, fragilizados ou desconfiados a respeito de como suas relações amorosas se desenvolverão. Movimentos feministas têm se destacado, sobretudo, como parte da subjetividade social. Mulheres adotam um modelo masculino como a troca de lugar na relação.

Diante disso, um aspecto a se destacar é a maneira que Maria me percebe como psicoterapeuta. Acredito que ela me reconheça como autoridade, uma profissional que exerce um trabalho importante mas, ao mesmo tempo, não consegue entregar-se a reflexões profundas como ferramentas de produção subjetiva. O que me leva a refletir na questão de gênero implicada no seu processo de vida. É possível que Maria fosse mobilizada e tensionada, de forma mais intensa, com um psicoterapeuta do sexo masculino, tendo em vista que, as mulheres constituintes de sua história não têm valor. Por outro lado, concedo a ela uma oportunidade para o reconhecimento do feminino por outra perspectiva.

Até o presente momento, setembro de dois mil e vinte, Maria e João continuam em psicoterapia. Pequenas mudanças e, não menos importantes, no modo de vida do casal têm

contribuído para que se sintam capacitados, reconhecendo seus direitos de realizarem mudanças em suas vidas que lhes permitam sentirem-se melhores a respeito de si mesmos.

O cenário atual de pandemia, covid-19, como um momento histórico, apesar de tamanha devastação e tristeza pelo número de mortes, também favoreceu a muitos repensarem em suas trajetórias de vida, alguns por necessidade e outros não. João foi demitido da companhia em que trabalhava, porém encontrou uma oportunidade de iniciar o curso, tão sonhado, na área de aviação. Apesar dos conflitos internos que tensionam sentidos subjetivos contraditórios marcados ainda pelo medo e desejo, ele segue adiante para conclusão do curso.

E, Maria, continua em seu trabalho como advogada e cursando a faculdade de Psicologia. A configuração subjetiva do casamento ainda está marcada pelo controle mas, todo o processo dialógico e reflexivo têm mobilizado a sustentação de novas ações, ainda que de forma paulatina e não linear.

As configurações subjetivas facilitaram compreender o mal estar de Maria e João como parte de um processo vivo e singular, que aponta para um sistema em andamento e não uma condição dos indivíduos. No decurso da pesquisa de forma gradual, o casal trouxe à tona seus incômodos tensionando os processos sociais. Não terem medo de assumir seus critérios e escolhas a fim de tentarem viver de maneira coerente com seus desejos, implicou na mudança de uma rota, rompendo com a lógica de suas organizações mais estáveis de vida.

5 Considerações Finais

O trabalho de campo representou um dos momentos principais para a formação teórica e metodológica, como pesquisadora. Durante a pesquisa, me empenhar emocionalmente com Maria e João me fez perceber que o diálogo é um compromisso que está para além da dimensão do pensamento, colocando todos os envolvidos da pesquisa em contato com as emoções produzidas ao longo dos encontros. A Teoria da Subjetividade trouxe possibilidades

para a compreensão de como diferentes processos subjetivos se configuram nas relações possibilitando seu desenvolvimento e tensionando o casal a encontrar suas próprias respostas e caminhos. O processo de conhecimento do pesquisador compartilhado com os indivíduos, teve como finalidade estimular o desenvolvimento de práticas e alternativas que lhes permitiram executar novas ações, compreendendo posições próprias a partir de suas reflexões.

O estudo apresentado sob a perspectiva teórica da subjetividade, compreendida por meio dos sentidos e configurações subjetivas, evidenciou aspectos ainda hegemônicos de nossa sociedade, traduzidos na narrativa e ações dos indivíduos da relação conjugal. O mundo social se organiza de modo subjetivo, tanto individual quanto socialmente, e se expressa por meio dos sentidos subjetivos que representam momentos de configurações mais abrangentes. A forma como Maria e João operam diz respeito a nossa sociedade e o desenvolvimento pessoal de ambos contribui para o crescimento desta.

O conceito de configuração subjetiva nos permitiu enxergar o mal-estar das pessoas como parte de um processo vivo que representa um sistema em andamento e não uma condição da pessoa. O que demonstra a impossibilidade de falar de um padrão psicológico geral dos indivíduos inseridos em relações conjugais. A pesquisa/psicoterapia no referencial da Teoria da Subjetividade possibilitou o avanço na compreensão do problema estudado, entendendo os processos sociais e individuais, que se constituem mutuamente, com fundamento no caráter dialógico e na singularidade do caso.

Em nossa cultura, olhar para o outro é um processo complexo. Convicções dominantes de uma sociedade egoísta, individualista e controladora, centrada na procura por pares iguais, torna cada vez mais difícil lidar com o distinto. De forma inconsciente, querer que o outro seja uma extensão de sua própria vida a fim de suprir necessidades, faltas e lacunas, diz respeito ao pouco conhecimento que tem de si mesmo. Durante o processo psicoterapêutico, entrar em contato com as contradições, rompendo paradigmas sociais e individuais foi um desafio importante para o casal, Maria e João.

A análise deste estudo de caso permitiu enxergar que sentidos subjetivos evocados das novas experiências passam por posicionamentos ativos, como agentes reflexivos em momentos importantes, como pela configuração subjetiva das experiências atuais ainda em seguimento. Inseparáveis de suas configurações subjetivas individuais mais estáveis que emergem por meio de sentidos subjetivos, emoções e processos simbólicos, que ambos trazem às experiências vividas.

Ainda que com entendimento e competência intelectual, Maria e João não conseguiram evitar a repetição de alguns padrões instituídos na subjetividade social do

casamento. Mas, suas reflexões foram importantes ferramentas de produção subjetiva que geraram alternativas, para uma relação qualitativamente diferenciada, traduzidas em suas ações. Todos os mal-estares, medos e conflitos emocionais fazem com que desejem, de forma consciente ou não uma continuidade reflexiva, parte do processo psicoterapêutico.

A mudança quando mobilizada no espaço social da psicoterapia, relaciona-se à produção de novas emoções. Elas foram capazes de originar diferentes cadeias simbólico-emocionais, os sentidos subjetivos, que se organizaram em novas configurações subjetivas. Suas reflexões crescentes favoreceram a emergência de sentidos subjetivos, que levaram a não permanecerem continuamente submetidos aos critérios do outro. Convertendo-se em agentes de suas próprias experiências e futuramente poderem emergir como sujeitos de suas próprias vidas.

O estudo apresenta um modelo teórico em desenvolvimento, construído com o intuito de apoiar práticas profissionais de psicoterapia/pesquisa voltadas ao desenvolvimento de casais, capaz de produzir inúmeras inteligibilidades para outros espaços sociais importantes, direcionados à família e suas relações. Tornando-se indispensável e fundamental outros estudos sobre o tema, apoiados na base da Epistemologia Qualitativa e valorizando sempre seus princípios: a comunicação dialógica, a singularidade do caso e o caráter construtivo-interpretativo da produção de conhecimento.

Os desafios encontrados pelo casal podem ser mobilizadores de novos momentos qualitativos. O contato franco e honesto com o outro fez com que se reconhecessem como pessoas. Entretanto, como psicoterapeuta, não tenho respostas e soluções para as necessidades do outro. Meu objetivo é entender como o indivíduo subjetiva seu próprio mundo afetivo, fazê-lo enfrentar suas verdades, incertezas e suas próprias contradições e a partir disso, mobilizá-lo a protagonizar sua história.

Referências

- Bach, G. R. & Wyden, P. (1991). *Inimigo Íntimo, como brigar com lealdade no amor e no casamento*. São Paulo: Summus.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Bauman, Z. (2009). *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. (2016). *Segredos e truques da pesquisa*. Editora Zahar.
- Bizerril, J. & González Rey, F. (2015). *Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar*. Brasília: UniCeub.
- Diniz, G. (2010). *O Casamento Contemporâneo em Revista*. In: Féres-Carneiro, T. (org). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferry, L. (2010). *Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Féres-Carneiro, T. (2003). *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola.
- Féres-Carneiro, T. (2010). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T. & Ziviani, C. (2010). *Conjugalidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos da atualidade*. In: Féres-Carneiro, T. (org). *Casal e Família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- González Rey, F. L. (2003). *Sujeito e subjetividade: Um enfoque histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2004). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. São Paulo: Vozes.
- González Rey, F. (org.). (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.

- González Rey, F. L. (2011). *Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.
- González Rey, F. (2012). *Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia*. In: Holanda, F. A. O Campo das Psicoterapias: Reflexões atuais. Curitiba: Juruá.p. 47-70.
- González Rey, F. (2013). *O que oculta o silêncio epistemológico da psicologia?* Pesquisas e práticas psicossociais, 8(1), São João del-Rei, janeiro/junho/2013.
- González Rey, F. & Mitjás Martínez, A. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. São Paulo: Alínea.
- Haley, J. (1979). *Psicoterapia Familiar: um enfoque centrado no problema*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Haley, J. (1998). *Aprendendo e Ensinando a Terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Holanda, F. A. (2012). *Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos*. In: Holanda, F. A. O campo das psicoterapias: reflexões atuais. Curitiba: Juruá.p. 71-100.
- Kaufmann, C. J. (2013). *A Entrevista Compreensiva: Um guia para pesquisa de campo*. Rio de Janeiro: Vozes ; Maceió: Edufal.
- Lipovetsky, G. (2007). *A sociedade da decepção*. São Paulo: Manole.
- Magalhães, S. A.(2010). *Conjugalidade e Parentalidade na Clínica com Famílias*. In: Féres-Carneiro, T. (org). Casal e Família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mitjás Martínez, (2005). A. *A Teoria da Subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia*. In: González Rey, F. Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Thomson. p. 1-25.
- Mori, V. D. (2019). *A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: A prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente*. Brasília. UniCeub.

- Mori, V. D. (2020). A prática e a pesquisa com base na Teoria da Subjetividade: a psicoterapia como cenário. In: Mítjans Martínez, A., Tacca, M. C. V. R & Puentes, R. V. Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas na prática profissional. Campinas, SP: Alínea.
- Mori, V. D. & González Rey, F. (2012). *A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária*. Psicologia: Teoria e prática. 14(3), p. 140-152.
- MORI, V. D.. & GOULART, M. D. (2019) *Sujeito e subjetividade na psicoterapia: um estudo de caso. (Subject and Subjectivity within psychotherapy: a case study)*. In: GONZÁLEZ REY, F. & MARTÍNEZ, A. & GOULART (Eds.) Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research. Singapore: Springer. P. 231-244.
- Neubern, M. (2001). *Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(1), pp. 241-252.
- Neubern, M. (2012). *Ensaio sobre a cegueira de Édipo: Sobre psicoterapia, política e conhecimento*. In: HOLANDA, F. A. O campo das psicoterapias: Reflexões atuais. Curitiba: Juruá. p. 13-45.
- Peres, A. L. V. (2005). *O estudo da subjetividade na família: Desafios metodológicos*. In: González Rey, F. Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia. São Paulo: Thomson. P. 311-333.
- Peres, A. L. V. (2012). *O desenvolvimento da afetividade no cenário social familiar*. ECOS/ Estudos Contemporâneos da Subjetividade/ Volume 2/ Número 2. Pp. 187-199.
- Peres, A. L. V. (2019). *A Teoria da Subjetividade na Formação do Terapeuta de Casais e Famílias*. In. Rossato, M. & Peres, A. L. V. (Org.). Formação de Educadores e Psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris.
- Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Rossato, M. & Assunção, R. (2019). O desenvolvimento subjetivo no processo da formação docente. In. Mítjans Martínez, A., Anache, A. A., Lustosa, A. V. M. F., Fuchijima, B. D., Coelho, C. M. M... Cordeiro, V. O. M. (2019). Formação de educadores e psicólogos –

contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris.